

Acidentes e desas- tres de trabalho

Podemos afirmar sem receio de desmentido que a assistência jurídica ao operário vítima de desastre ou acidente de trabalho não passa de uma revoltante ficção. A lei consigna determinadas regalias ao operário quando privado do labor por acidente de trabalho que não se respeitam porque a isso se opõem os interesses de uma caterva de vampiros que até com a miséria dos inabilitados exploram.

O autor da referida lei, o dr. Estêvão de Vasconcelos, inspirou o seu admirável trabalho no elevado princípio de não deixar perecer à míngua de recursos médicos e financeiros aqueles que no trabalho se inutilizaram. Mas um sem número de indivíduos constituídos em sociedades mutualistas deturparam as intenções do legislador dando uma interpretação a seu modo ao texto da lei, interpretação que pretere os sinistrados nos seus legítimos direitos.

Em algumas dessas sociedades, como mais de uma vez temos feito salientar, ao mais infantil pretexto corta-se o subsídio ao sinistrado, obrigando-o a regressar ao trabalho quando ainda é manifesta a sua enfermidade. Mais ainda: em algumas dessas sociedades por o sinistrado faltar a um curativo, quantas vezes devido a impossibilidade física, suspendem-lhe o tratamento médico, privando-o do que é mais necessário.

E tudo isto porque os directores dessas sociedades se julgam em país conquistado, tudo isto porque esses cavalheiros estão seguros da impunidade.

Nem as autoridades, tão rigorosas para com os pequenos, se preocupam com estas ninharias, nem os contribuintes—que são os patrões—se importam com a situação das vítimas desses autênticos mandrágoras.

Quasi todos os industriais têm o seu pessoal seguro nessas sociedades mutualistas em troca do qual pagam a quantia de X, segundo o número de sinistrados. Quando um dos seus operários é vítima de acidente é remete-o para a respectiva empresa onde está segurado. E a vítima para ali se dirige confiante de que a lei será respeitada e que o tratamento médico não lhe será recusado e que os seus subsídios serão pagos integralmente enquanto a enfermidade durar.

Mas não sucede assim. A companhia seguradora, hábil em truques, procura, logo de entrada, inutilizar o sinistrado, esquivando-se ao cumprimento da lei. A vítima reclama, mas do seu protesto nada resulta.

Ainda não há muito tempo um operário caiu de um andaime. Os médicos do banco do hospital de São José prescreveram um tratamento rigoroso, seguido de um repouso prolongado. O estado do infeliz, embora não fosse grave, inspirava um certo cuidado.

Transitou o sinistrado para uma das sociedades seguradoras, e qual não foi o espanto de todos quando o médico dessa sociedade declarou ao cabo de seis dias de tratamento:

—O senhor tem alta. O seu estado já não é de cuidado. Pode mesmo começar a trabalhar!...

Sem outro recurso, depois de ter protestado contra o insólito procedimento daquele clínico, o referido sinistrado teve que regressar ao trabalho, expectorando sangue e contorcendo-se com dores!

Este caso não é único. Há outros que provam de uma maneira inofensável que a lei dos acidentes e desastres de trabalho é um admirável manancial que um grupo de indivíduos explora a seu belo prazer. Mas por agora ficamos por aqui porque já basta.

NA BOA HORA

E' julgado amanhã o autor da morte do guarda da garage Auto Palace

Realiza-se amanhã, no tribunal da Boa Hora, 2.º juízo criminal, em audiência de júri o julgamento de Bartolomeu dos Santos, aquele chauffeur que em Maio do ano passado vibrou um violento pontapé no baixo ventre de um pobre velho, guarda da garage Auto Palace, causando-lhe a morte.

Esta agressão causou profunda impressão na garage, onde o morto era muito estimado. A acusação particular está a cargo do dr. Orlando Marçal.

Lê-se o Suplemento de A BATALHA

600 esfomeados à procura de um assalto aos cofres públicos

O banquete ao político Cunha Leal, antes realizado, juntou cerca de 600 pessoas, algumas das quais muito conhecidas pelas suas ambições e pelos seus apetites insatisfeitos. Pagaram, antes, mas estão convencidas de que, dentro em breve, comerão inteiramente à nossa custa, entrando por uma das brechas que o seu chefe não deixará de fazer nos orçamentos do Estado.

Essas criaturas não têm o vício da política, porque procuram nela um modo de vida. Considerando o seu chefe, simultaneamente, uma excelente gazua e uma esplêndida «mascotte», disputam à porfia quem mais o há-de incensar, quem mais consegue fazê-lo luzir em apoteoses... gastronómicas.

O sr. Cunha Leal, que é um caso de vaidade pessoal e política que a patologia explica muito bem, presta-se às maravilhas a estas faixas de homenagem, supondo que o descrédito em que tem caído pode ser anulado com reclamação.

Lemos o seu discurso e de toda aquela trovada de lugares comuns chegamos à conclusão de que o pelotiqueiro deu novo salto em matéria política.

O censor daquela celeberrima carta a Mendes Cabeçadas, oferecendo-se para se bater a fim de evitar a queda do seu correligionário, mostra-se agora defensor da actual situação, chegando ao deslante de afirmar que ela lhe pertence visto que foi ele que a criou. Daqui se deve inferir que a sua adesão ao batuque das cartilhas tinha por objectivo fazer negações à tropa e incitá-la a sair dos quartéis.

O mesmo político de trinta caras e trinta políticas diz que se concorda com a situação, discorda do governo. Percebe-se. O homem quer que o chamem ao poder e mete atrevidamente o requérito. Mas, os seus enganamos muito, a hipótese de Cunha Leal ditador não pode ser tomada a sério. A ditadura do homem que ontem declarou que a política portuguesa deve girar de acordo com as máquinas do Papa—é impraticável e sem futuro.

A «coccete» republicana está muito longe das suas ambições e os que o acompanham com a obstinação própria das sombras têm que se conservar em abstinência mais algum tempo.

A «União Republicana Liberal», que se diz conservadora—esta antítese entre o título do partido e as afirmações do «leader» até provoca o riso dos cães vadios—tem de ficar na expectativa de contemplar o Terreiro do Paço—de longe. E' claro que o chefe não está sem «posta» e isso prejudica um pouco a sua energia de assaltante dos cofres públicos...

Notas & Comentários

«Os agentes provocadores»

Sob este título publicámos no número de 16 do corrente um artigo acerca do desejo em que os monárquicos estão de restaurar o regime liquidado em outubro de 1910.

«Um grupo de liberais» editou-o em manifesto que está sendo profusamente distribuído por todo o país.

Esta notícia deve causar desagrado ao sr. Fernando Pizarro, director do Correio da Manhã e muito conhecido em certas casas de Santa Catarina.

Adous Pimenta!

Uma firma de Norwich, segundo reza um telegrama da agência Lusitânia, recebeu uma encomenda de 17.000 candiões para os Estados Unidos. Como no país dos dólares não existe tão avultado número de candiões pensa-se em adquirir em Portugal alguns desses exemplares. Está indicado, entre outros para satisfazer os desejos da firma de Norwich, o dr. Alfredo Pimenta, que dizem ser um magnífico exemplar...

Sentimos que o doutor assim nos deixe, privando-nos das suas «scintillantes» crónicas... e das suas extravagantes luvás...

Os mixórdios

Voltou ontem a repetir-se a farça. O Tribunal das Transgressões julgou mais três pequenos mixórdios e um comerciante, tendo condenado uma mulher por ser portadora de leite adulterado e um comerciante por ter sonegado uma porção de azeite.

Os jornais da tarde noticiaram o julgamento como que a demonstrar que agora é que os mixórdios entram na ordem e nós ficamos pensando quando é que sofrerão igual sorte esses grandes mixórdios que são: João Castanheira de Moura, Alfredo da Silva e Abel Pereira da Fonseca, afinal bem mais criminosos do que os condenados de ontem.

Mas é que estes são pessoas influentes, que dispõem de grandes recursos. Condenados são só os pequenos porque não têm padrinhos...

O gado continua emigrando para Espanha

PENAFIEL, 19.—Continuam desenfreados os compradores de gado para Espanha. Nas feiras ultimamente realizadas nestes arredores foi pouco o gado para os compradores espanhóis. Deste modo, a carne subirá ainda de preço, visto que a desvalorização da nossa moeda dá margem a que os nossos vizinhos o paguem mais caro.

A última feira do Marco todo o gado foi comprado pelos contrabandistas...

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 380.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 650.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 650.

A venda nas livrarias e administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

A insurreição na ilha de Java

A ilha de Java tem um território maior do que a república de Cuba, contando mais de 38 milhões de habitantes. É explorada pelo capitalismo holandês, que absorve toda a produção e o trabalho útil de uma colónia longínqua. Os javaneses alimentam um grande desejo de independência nacional e os russos têm acicatado habilmente o espírito nacionalista dos habitantes na ilha de Java.

A exploração do capitalismo holandês tem atraído para si todo o proveito do esforço dos javaneses. E os javaneses andam descontentes porque todo o resultado do seu trabalho vai para longe, para o estrangeiro e o que eles consideram a sua nação nem tem proveito obtém do esforço dos seus naturais.

O descontentamento dos javaneses criou ao capitalismo holandês uma situação muito perigosa. O levantamento dos javaneses, contudo, não foi súbito, como se afigura. Há muitos anos que a efervescência lavrava na ilha de Java e os bolchevistas vieram ultimamente precipitar os acontecimentos, com o fim de servir a sua rivalidade contra as potências europeias.

As notícias que referem a insurreição de Java não são muito precisas, porque há o maior interesse burguês em não deixar revelar-se a gravidade da situação. Sabe-se, a-pesar de tudo, que a revolta se condensa no centro da ilha de Java. A maioria dos revoltosos safu das plantações de açúcar, a indústria de maior desenvolvimento na ilha.

Java está muito perto da China, também em revolta acesa contra o imperialismo e o capitalismo europeus. E' por isso que a Inglaterra se inquieta e a Rússia se inquieta.

Se a revolta se estende a Bornéu, as fontes de riqueza que o império britânico vai servendo cairão irremediavelmente nas mãos dos rebeldes.

Com estas revoltas nacionalistas, vão os bolchevistas ganhando prestígio na Ásia enquanto as potências europeias perdem a sua força.

BATAVIA, 22.—As tropas atacaram os comunistas, matando 3 sobre lío, e capturando vários. Uns 30 comunistas, por outro lado, atacaram e mataram um agente da polícia secreta, perto de Soerakarta, sendo 24 dos assaltantes capturados. —(F.)

Sob o império britânico

A conferência imperial interessou-se muito pelas cousas de ar

LONDRES, 22.—A conferência imperial reuniu-se novamente em sessão plenária, aprovando vários relatórios elaborados pelas suas comissões. Entre os relatórios aprovados conta-se o da comissão de aeronáutica, que recomenda a construção dum novo hangar no aeródromo de Cardington, onde já existe o maior do mundo. A comissão recomenda ainda a reunião dum conferência imperial aérea dentro de dois ou três anos, e mostra-se satisfeita com o desenvolvimento dos serviços aéreos na África e a projectada linha entre a Austrália e Singapura. A conferência aprovou ainda o relatório da comissão de investigação científica, recomendando o seu desenvolvimento, uma escolha do pessoal, e a reunião de conferências especiais e periódicas para os estudos das florestas e da agricultura imperialista. —(L.)

Os domínios são independentes

LONDRES, 22.—Interrogado sobre os resultados da conferência imperial, e especialmente acerca do relatório da comissão de relações inter-imperiais, o general Hartzog, primeiro ministro da União Sul-Africana, declarou sair de Londres completamente satisfeito com os resultados obtidos. Cada domínio fica constituindo uma parte independente, um reino, da grande comunidade nacional britânica, tendo ficado estabelecidas firmes bases para as relações entre os vários governos. —(L.)

A reacção capitalista

Sindicalismo à força

MADRID, 22.—O decreto-lí aprovado pelo conselho de ministros acerca das organizações sindicais, determina a formação de comissões locais, constituídas por cinco patrões e cinco operários, com os poderes necessários para deliberarem sobre salários, número de horas do dia de trabalho e condições gerais do trabalho nas respectivas localidades. Estas comissões industriais organizarão sub-comissões por especialidades que terão de fornecer todas as indicações acerca das respectivas indústrias, que pelo governo forem solicitadas. As comissões poderão reunir-se em conferência nacional, quando casos especiais o aconselharem. —(L.)

A quadra das tempestades

A Inglaterra severamente agitada

LONDRES, 22.—Durante toda a semana finda as ilhas britânicas e os mares que as cercam foram agitados por violentos tufões, tendo-se afundado grande número de pequenos barcos. A escuna francesa «Anne Marie» teve de ser abandonada no mar do Norte, sendo a sua tripulação salva pelo navio inglês «Caribbe». O navio de salvamento «Selsey» recolheu a tripulação do barco francês «Rosalyne», afundado no canal da Mancha. Na oceano Atlântico, vários navios, entre os quais o transatlântico «Andania» acudiram ao apelo radio-telegráfico do «Alcôro», que se encontra em graves condições. —(L.)

Mau tempo em Berlim

BERLIM, 22.—Uma terrível tempestade caiu ontem sobre toda a Alemanha, originando numerosos incidentes e importantes prejuízos. —(L.)

Diversos factos

Pacifismo norte-americano

PARIS, 22.—O correspondente do «Morning Post» em Washington informa que os

Estados Unidos constroem no maior segredo um grande avião de bombardeamento armado de 2.000 quilos de bombas de enorme potência e com uma extraordinária rapidez de movimento. —(L.)

Guerra ao capitalismo...

MOSCOU, 22.—O governo aumentou as tarifas alfandegárias sobre o algodão até há pouco livre de direitos. —(L.)

Los três ratos de la Gran Via

LONDRES, 22.—Anuncia-se para breve de 3 a 5 de Dezembro uma entrevista entre Briand, Chamberlain e Mussolini. O local do assunto, não está ainda definitivamente escolhido. Talvez Genebra, mais provavelmente Locarno. Na sua passagem por Paris Chamberlain assentará com Briand o ponto em que se efectuará a conferência. —(L.)

O Canadá paga menos à Inglaterra

OTAWA, 22.—O sr. Roberto Yorke, ministro da imigração, anunciou a conclusão dum acordo entre a Inglaterra e o Canadá, válido por dois anos, e pelo qual é reduzido a duas libras o imposto pessoal que incide sobre os estrangeiros imigrados. —(L.)

Mais ouro...

JOHANNESBURG, 22.—Foram descobertos ricos e extensos campos auríferos na região de Rustenburg. —(L.)

Um pedido terno...

LONDRES, 22.—O partido conservador solicitou do governo a expulsão do território britânico de todos os agentes de Moscúvia. —(L.)

A Irlanda revoltada

DUBLIN, 22.—O governo irlandês proclamou o estado de sítio em consequência das desordens ultimamente ocorridas. —(L.)

A MORAL DELES...

Os negócios da China da Companhia de Fiagão de Tecidos de Alcobaga

Depois do que temos dito em defesa dos bons costumes e do povo explorado, de esperar era que a companhia aludida não continuasse a mostrar bem transparentes os seus processos bem nelastos na participação de lucros que descaradamente sonega com o manifesto fim de esconder também os seus lucros escandalosos ao pobre e explorado consumidor.

Como já demonstrámos em artigos que antecedem este, os lucros têm sido tão grandes que para tudo têm chegado e até para se fazer uma emissão de acções que, sem entrada de capital, foram distribuídas por accionistas, como a seu tempo provaremos.

O capital era e é o inicial, ou sejam 300.000\$00, pois os 1.500.000\$00 que figuram nos relatórios é para iludir o Estado e os que acreditam na honestidade dos que dirigem tal companhia, os quais ontem eram uns pelintres e hoje são uns milionários.

Pois os homenzinhos que demais sabem que no que temos acusado se encontra muita matéria criminal, não sabemos se fiados na impunidade que protege quem tem dinheiro e por isso não é preciso ter vergonha, vêm anunciar nos jornais de maior circulação de Lisboa e Porto para que sejam apresentadas as acções, não dizendo para quê, mas já o descobrimos—para dar mais 10 %, de dividendo além dos 20 % que os accionistas e não accionistas já receberam!

Convém frisar que no relatório de 1925 não há verba que justifique a existência de quantia alguma que faça face a este novo dividendo, e logo temos que mais uma vez o Estado foi e continuará a ser ludibriado.

Temos dito que o capital é de 300.000\$00 e por conseguinte se verifica que os lucros visíveis foram em 1925 de 150 %, visto que com aquele capital se distribuiu a importância de 450.000\$00 aos accionistas e não accionistas.

Ao que nos informam, esta nova emissão teve como base não só ludibriar o Estado mas ocultar lucros inconfessáveis para prejudicar órfãos e casas de beneficência que tinham as suas acções sujeitas a usufrutos, e esses cavalheiros foram distribuir aos usufrutuários as novas acções bem contra o que deliberaram em assembleia geral e declararam no relatório, pois dizem: «O capital foi elevado a 1.500.000\$00 que foi proporcionalmente coberto pelos srs. accionistas».

Aqui é que está a grande burla, a grande mistificação. Não entrou dinheiro algum e daí resultou que fossem ludibriadas muitas casas de caridade e muitos órfãos, cujos provedores se não têm incomodado com o caso, certamente por o desconhecerem minuciosamente e o mesmo deve suceder aos tutores.

Evidentemente que se trata de uma burla levada a efeito com fins menos honestos e fora da lei, que para estes cavalheiros é letra morta e continuará a ser... os interessados não agirem e os ministros das Finanças e da Justiça não «marem o caso a peito, mandando castigar» os traficantes.

Assim é que não pode ser. —R. C.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de So' Jariade dos Vendedores de So' Jariade.—Reúne hoje, em assembleia geral, extraordinária, pelas 16 horas, a Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais para aclarar o número 4 do art. 11 dos estatutos, resolver a assistência médica permanente e apreciar o pedido de demissão de sócio de Alfredo Garcia e qual quer outro assunto que possa ser ventilado.

ARTE E ARTISTAS

A segunda Exposição de Outono

na Sociedade Nacional de Belas Artes

Quando há uns bons seis anos, comentando as exposições de pintura que então se faziam, afirmávamos a existência de uma nova corrente nas artes plásticas, representada por aqueles artistas que os jornais insinuavam sem cerimónia e qualificavam—se desejavam ser amáveis—de doidos ou destrambelhados, contestavam-nos as pessoas doutas cá do burgo que nós estávamos defendendo o absurdo.

Predominava então em todo o país a chamada pintura académica. E os talentos que a produziam eram fabricados por fórmulas certas, matemáticas, nos subterrâneos da Escola Nacional de Belas Artes.

O academismo era um dogma, uma religião pitoresca, à qual não faltavam os bonzos—os mestres adorados por um cortejo interminável de fieis.

Os pintores e pintorzinhos—os discípulos amados—protestavam contra as nossas crónicas e como o público habituado aos seus quadros bem pintadinhos, muito parecidos com a exactidão das fotografias do Grandela, estava nas suas mãos, os velhos bonzos promoviam à nova arte, que verdadeiramente surgiu entre nós, e aos raros que na imprensa se aventuravam a defendê-la, uma guerra que tinha por armas a calúnia ou a troça.

Mas o tempo ia passando e os bonzos e bonzinhos não discerniam que as novas correntes artísticas são impulsionadas pelas correntes sociais e que a um novo tipo de vida que após a guerra surgiu, e às novas ideias sociais que dessa vida resultaram, uma nova arte teria fatalmente de corresponder.

A Revolução Russa veio revelar ao mundo arrojos tão espantosos nas artes de pintar, desenhar, esculpir e construir que os modernismos (então futurismos) cá de casa passaram, em breve, a um plano infinitamente secundário.

E os rapazes novos, mais impressionáveis, traziam de Paris—onde todos os arrojos se concentram—o cérebro desorientado pelos atrevimentos artísticos que por lá viam.

Iniciou-se então uma época intensa de demolição das velhas escolas artísticas predominantes entre nós. E até alguns alunos da Escola de Belas Artes, que vinham para a vida com a paleta e o cinzel plenos de fórmulas infalíveis, depressa se corromperam ao contacto dos modernismos berantes e, numa falta de respeito pelas barbas venerandas dos mestres, atiraram fora o que de lhes restava para tomar afoitamente pela estrada ampla que os conduzia a uma arte moderna. A epidemia do modernismo chegou mesmo a contagiar alguns alunos em plena escola, porque eles, novos ainda, cheios de vida, escutavam de melhor grado os seus conselhos dos raros críticos excomungados do que as sábias lições dos professores.

A batalha entre os novos e os velhos, entre a geração de hoje e a geração de ontem, foi curta mas intensa, nestes últimos tempos. No calor da luta, a arte moderna teve excessos—então necessários e compreensíveis—assumiu fases exageradas, porque no ardor do combate vence sempre o que mais se excede na violência. E estava naturalmente indicado que a decrepitude cedesse aos golpes da juventude.

Muitos dos que maldiziam a arte moderna passaram para o campo inimigo; passaram conscientemente, uns, por cálculo, outros. O que ontem era uma manifestação gritante e isolada, atribuída a um doido, é hoje uma manifestação colectiva, organizada com a serenidade que traz aos espíritos o triunfo assegurado.

Presentemente, salvo alguns catarras, ninguém ousa atacar a fundo os novos artistas e as suas exposições têm tanta importância no nosso acanhado meio intelectual, como as exposições cada vez mais decadentes dos veneráveis bonzos do academismo.

A organização do Salão de Outono, no ano passado, em plena Sociedade Nacional de Belas Artes, que tanto insultou e combatu os artistas modernos, é incontestavelmente, um sinal auspicioso do triunfo definitivo de uma nova corrente artística, por nós anunciada há anos no meio de um coro de protestos formulados por pessoas de juízo.

O Salão de Outono que ora se patenteia na mesma Sociedade, com um número considerável de obras e abrangendo, não apenas a pintura, mas a escultura, a arquitectura, a scenografia, as artes industriais e gráficas, prova que a nova corrente artística se fortalece de ano para ano e quanto a razão tinhamos nós, o bolchevista, o doido visionário, quando em tempos, apoiados os terríveis futuristas, resolvemos enveredar pelo fatal caminho da loucura...

Mário DOMINGUES

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Rio de Janeiro» são hoje expedidas malas postais para Pernambuco, Bala, Rio de Janeiro e Santos. Da Estação Central dos Correios as últimas tiragens de correspondências ordinárias, são às 11 horas recebendo-se para registar até às 9 horas. Por via Marselha também seguem malas postais para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11,30 horas.

Mercado agrícola da R. Carvalho Araújo

A Câmara resolveu deferir o pedido dos vendedores ambulantes para a criação de um mercado para venda de produtos agrícolas e hortícolas na rua Carvalho Araújo, ao Alto do Pina e deliberou indeferir o requerimento dos concessionários da construção e exploração de um mercado agrícola na Quinta do Papagaio, reclamando contra o pedido daqueles vendedores.

Segundo estiveram ontem declarando na Câmara os interessados, vão ser imediatamente iniciados os trabalhos de terraplenagem para a instalação do mercado na rua Carvalho Araújo.

CARTA DO PORTO

A repressão da linguagem obstena nas ruas

PORTO, 19.—Muita gente está plenamente satisfeita com a rigorosa repressão da polícia contra a linguagem desbragada e contra a indecência dos apalpos. Os tribunais também, e com mais propriedade, são contagiados pela efusante alegria comunicada pelos moralistas—é que nêles tem caído ultimamente uma boa soma de milhares de escudos provenientes da inexorabilidade das multas...

Nós igualmente achamos uma grande necessidade de se dar no nariz para traz aos abusos constantes de um vulgo malcriado. Isso não nos impede, porém, de considerarmos interessante o bifeite do rubor da nossa sociedade actual, a pudência das nossas leis, a castidade dos nossos regulamentos, a pureza das nossas autoridades...

Cai-se, incontestavelmente, nas regras infamantes da indecorosidade, quando localmente se miasma qualquer chasco de imundície patois. Mas cremos que a graça chula das lupanárias revistas que rameiramente se representam por esses teatros transformados em quasi bordel às escancaras, constitui uma verminadora escola de corrupção de hábitos fraseológicos—escola, aliás, que é permanentemente assistida pela própria autoridade...

Se os libertinos revisteiros da nossa scena degenerada são uns eméritos professores das dissolutas e polissilábicas articulações fonéticas—que admira que os preciares espectadores, sendo bons discípulos, saiam melhores mestres, procurando exteriorizar na rua o que não têm liberdade de exibir no palco?

Não sabemos se nos fazemos compreender, tão miópe é a nossa visão e tão debilitada, quasi a roçagar pela boa óca das desmolações, é a nossa paupérrima inteligência...

E' escandaloso, é imoralíssimo, é ofensivo do pudor de quem passa, o comprimir os grosseiros dedos ou fechar as frenticas, febricitantes mãos nas formas plásticas e sexuais dum menina ou dum senhora que anda pouco menos que nua pelas ruas da cidade...

Mas será de boa arte decorosa ver-se entrar, num severíssimo eléctrico, uma solteira, uma casada, uma viúva ou uma divorciada, com o vestido por cima do joelho, vê-la sentir muito elegantemente desprocurada a pontos de se lhe descortinar a alvura rósea daquelas carnes tentadoras que encobrem o fêmur? a pontos de se adivinhar aquelas galantes sombras que, mal resguardadas por um tecido vaporoso e com fitas creme—quando têm esses tecidos—povoa a parte genital da propagação da espécie?

Já ouvimos dizer que a maior parte da nossa gente sofre de delírio erótico. Se assim é, a exibição nos teatros de mulheres quasi ao léu e a deixarem ver o sistema piloso de todos os savaços; o caminhar licencioso dum trêzêl levando quasi desbragados no debrum do seu decote os seus botõeszinhos mamilares, suas maçanetas expostas na sua árvore incontinente—para enganar todos os humanos Adões—já não são uma provocação perigosa à erotomania do nosso povo escaldado?

Já agures se dizia que um homem não é de pau; e não sendo a mulher de ferro, não é justo que só o macho é que tenha de perpetuamente pagar todas as asneiras dos dois sexos...

Inferir-se há daqui que nós não queremos a repressão? Não, nós queremos a repressão—cura no hospital-escola destinada a um e a outro sexo. As multas podem ser excelentes economicamente—mas não educam ninguém, tanto mais que a desvestidura e o adultério desencadeados nos banquetes à americana das coras capitalistas, fazem chegar os seus estardalhaços vergonhosos até ao ouvido apurado das rãs—como exemplos de perversidade chic...

Repressão? Sim. Mas não nos consta que o Aljube, universidade do vício, instituto da imoralidade, academia do crime, venha a modificar a educação que a falta de escolas, que a falta de convivência e de exemplos não deram ao povo desprezado...

Tudo precisa de ser modificado: o teatro, os cinemas, a literatura, a crítica, a arte—e até a própria polícia, a qual, para satisfazer os seus desejos de coo espicaçado pela cobica, muitas vezes é selvagem para a infeliz prostituição que lhe anda sob a sua fobiosa algada...

Sim, reprimam-se mas pela educação, mas pela escola... e não com o pretexto de arranjar dinheiro...

C. V. S.

Empregados da Câmara Municipal de Lisboa

Segundo determinação da comissão administrativa, todo o pessoal, de qualquer quadro ou categoria, vitalício ou contratado, ou ainda assalariado ou operário, fica obrigado a apresentar até ao dia 31 de Dezembro p. p., certificado de recente data de registro criminal e bem assim a munir-se, até aquele mesmo dia, de bilhete de identidade municipal; independentemente da obrigação similar exigível por lei do Estado. A falta de cumprimento desta ordem implica a cessação imediata de pagamento de quaisquer vencimentos ou salários.

A comissão administrativa resolveu que o prazo estabelecido de futuro para os contratos de todo o pessoal da Câmara, seja fixado em 2 anos, estabelecendo-se a cláusula, nos mesmos contratos, de que eles se consideram sempre renovados por igual prazo, quando a Câmara não deliberar a sua rescisão durante a vigência dos citados contratos até 60 dias antes de termo daquele prazo.

Mantem-se, igualmente, todas as restantes condições gerais, na parte que não colidir com aquela resolução. Com estas novas cláusulas serão feitos os contratos dos empregados contratados pela actual comissão administrativa.

PORTO DE LISBOA

O critério dum interessado

Mal diríamos, quando escrevemos o nosso pequeno artigo de anteontem, que tão rapidamente os acontecimentos viriam dar força à nossa tese.

Segundo relata o *Seculo*, a comissão nomeada pelo ministro do Comércio para elaborar as bases em que se faria a entrega dos serviços do Porto de Lisboa a uma empresa particular, dividiu-se.

Manifestaram-se em discordância com a missão de que eram incumbidos os srs. Soares Ornelas, da Associação dos Armadores; Raúl Vieira, da Associação dos Lojistas; Domingos Garcia, da Associação dos Despachantes Officiais; Quintão Meireles, da Administração Geral do Porto de Lisboa; e Roque da Fonseca, da Associação Comercial.

O sr. Roque da Fonseca apresentou mesmo em nome da associação que representa o seguinte documento que transcrevemos:

«O delegado da Associação Comercial de Lisboa discorda da entrega pura e simples da Exploração do Porto de Lisboa à indústria particular, pelas razões que passa a expor: a) que a exploração comercial dum porto, ligada ao respectivo melhoramento das suas obras de arte, armadura comercial, trabalhos de dragagem, etc., — melhoramento quasi constante pelas crescentes necessidades do seu tráfego marítimo — não constitui uma boa capitalização, pois os exemplos demonstram que pode produzir, na melhor das hipóteses, cerca de 4 por cento, em média, juro exiguo para o mercado monetário português; b) assim, para que uma empresa particular que tomasse a seu cargo a exploração do Porto de Lisboa pudesse ter lucros compensadores, só o conseguiria em detrimento do desenvolvimento material das obras do porto e seu aproveitamento; c) que, se tal se desse, Lisboa — porto de trânsito — sofreria cada vez mais no seu movimento marítimo, pela concorrência dos portos espanhóis, que, não estando sujeitos a essas condições, gozavam duma liberdade de acção; d) que a entrega do Porto de Lisboa à indústria particular prejudicaria a economia nacional e até, possivelmente, a nossa soberania, pela alienação das acções em cotas da empresa concessionária, pois inclusivamente um grupo que tivesse interesse no desenvolvimento de um porto estrangeiro concorrente do nosso, podia apossar-se da maioria do capital da empresa, para que a mesma não realizasse as obras de fomento e conservação indispensáveis ao progresso do porto; por outro lado; e) o interesse do Estado é o interesse público, portanto o interesse geral, a companhia concessionária tem apenas que olhar aos interesses dos seus accionistas, portanto a um interesse restrito; f) a nação paga ao Estado impostos para que ele os aplique a obras de fomento geral, dinheiro este que não tem encargos de dividendos cujos juros a oneraria, e que, por consequência, se pode aplicar em serviços de utilidade pública que não deem lucro monetário, mas sirvam ao desenvolvimento económico do país; g) o comércio reclama, e bem justificadamente, a indispensável redução das tarifas de vários serviços portuários, o que o Estado melhor que uma empresa particular pode fazer; por esta precisa de ir buscar a remuneração do capital empregado em melhoramentos e obras ao rendimento das respectivas tarifas, o que não sucede àquela, que não tem como finalidade a obtenção de lucros.

Nestes termos, a Associação Comercial de Lisboa é de opinião que a Administração do Porto de Lisboa seja confiada a um organismo autónomo, onde estejam representados todos os interessados no seu desenvolvimento, dando-se ao mesmo organismo os necessários poderes para adjudicar a empresas particulares, por concurso público e com as naturais garantias de fiscalização, a exploração de determinados serviços portuários, dentro de um programa geral de desenvolvimento e melhoramento do nosso primeiro porto comercial.

O itálico é nosso.

Achamos esta afirmação, que constitui fundamentalmente a condenação do sistema capitalista, interessantíssima na boca da Associação Comercial.

Não é pois por estes princípios que a Associação Comercial combate a entrega do Porto de Lisboa a uma empresa particular, porque se assim fosse teria que combater-se a si própria e ao sistema em que se apoia. A razão fundamental deve ser a antipatia que lhe inspira o grupo financeiro que se prepara para tomar conta destes serviços.

Raios de compadres...

Mas, seja como for, a verdade é que esta é a boa doutrina.

Salta aos olhos que a entrega do Porto de Lisboa a uma empresa particular é um erro tremendo, de que o país amarguraria as consequências e o próprio Estado viria tarde e mais horas a deplorar.

Mas se o ministro do Comércio deve emendar este erro não deve cair num outro, não menos grave, que lhe é sugerido no parecer da Associação Comercial.

Preconiza-se no referido parecer a entrega do Porto de Lisboa a uma junta autónoma, onde estejam representados os organismos interessados, que serão neste caso os que compõem a actual comissão que está encarregada de elaborar as bases do concurso para o arrendamento do Porto de Lisboa.

Afigura-se-nos que a coisa aqui principia a não ser muito regular.

Que todos estes organismos possam emitir opiniões e fiscalizar os serviços do Porto de Lisboa por meio de uma junta consultiva, e neste caso deveria contar-se também com o respectivo pessoal que não é menos interessado na questão e parece ser sistematicamente esquecido por estes senhores, bem está. Mas que todos estes organismos dirijam de facto e directamente o funcionamento do Porto de Lisboa é que nos parece que não está certo.

Seria um grave erro adoptar-se este critério.

Não nos esqueçamos que este detestável sistema já foi praticado no Porto de Lisboa com funestos resultados... Este sistema deixou o Porto de Lisboa com um tremendo deficit, por consequência, impossibilitado de, como presentemente, realizar os melhoramentos de que necessita.

E compreende-se porquê.

Estes organismos, que representam as empresas comerciais e industriais que diariamente se utilizam do Porto de Lisboa e que, por consequência, lhe dão as receitas de que ele necessita para viver e desenvolver-se, colocados na sua direcção efectiva, sobrepor-se-iam fatalmente aos interesses do Estado para servirem os seus interesses particulares, e daí uma série de favores a esta e aquela empresa particulares.

Foi o que praticamente se verificou durante o espaço de tempo em que este sistema foi adoptado.

Nesta questão, está-se pondo em jogo

TEATRO NACIONAL

HOJE

Tel. N. 3049

COMPANHIA

BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: representação

do sensacional drama em 4 actos

O PARALÍTICO

peça que todos devem ir ver

para apreciar o notável trabalho do illustre actor

ALVES DA CUNHA

O mais artístico espectáculo da actualidade

BREVEMENTE — A tragi-comédia:

O homem e os seus fantasmas

LUTA DE CLASSES

A classe dos empregados no comércio de Coimbra resistem às pretensões que ameaçam as suas regalias

COIMBRA, 21. — Os empregados no comércio encontram-se justamente alarmados com a recente resolução das autoridades, determinando que os estabelecimentos poderão encerrar-se a qualquer hora, desde o momento que não tenham pessoal ao serviço depois das 19 horas. Isto depois de se estar para negociar um acordo entre as autoridades locais, Associação Comercial e Ateneu Comercial, que é o organismo de classe dos empregados no comércio.

Combatemos, nestas columnas, esse acordo, por considerarmos contraproducente e prejudicial qualquer acordo feito com o patronato e autoridades, crentes como estamos, por uma questão de princípios, de que estas duas forças, autoridade e patronato, não de sempre aliam-se para cercar as regalias e os interesses dos assalariados.

Combatemos, como dissemos, o acordo preconizado pelos elementos dirigentes do Ateneu Comercial. Como nós, combatemos também esse acordo, alguns elementos da classe. Nunca supozemos, porém, que as nossas palavras tivessem num curto espaço de tempo plena justificação. As autoridades locais, de mãos dadas com a concessão da não obrigatoriedade do encerramento dos estabelecimentos, não só a abolição do horário de trabalho no comércio, como também, possivelmente, a antiga regalia do descanso semanal. — C.

Horário de trabalho no Comércio

No Grémio Excursionista Civil do Monte rua da Graça, 162, 1.º, levará a efeito, hoje, às 21 horas, o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, a segunda da 2.ª série de sessões de propaganda associativa e de esclarecimento à rigorosa execução do horário de labor, nos estabelecimentos comerciais.

Também se tratará do cumprimento do descanso dominical e se explicarão os esforços despendidos por aquele organismo para que cesse, de vez, o humilhante uso das carroças de mão.

Os mineiros em luta

Vão ser negociados acordos regionais

LONDRES, 22. — A conferência dos delegados mineiros aprovou por unanimidade as recomendações do comité executivo, relativas à negociação dos acordos regionais, e estipulando que 87 % do produto líquido da exploração sejam affectados aos salários, e 13 % aos lucros. Todos os acordos poderão cessar depois dum pré-aviso reciproco dum mês. Todos os mineiros despedidos em abril de 1926 serão readmitidos, na medida das possibilidades, e os mineiros que recebam salários inferiores receberão um salário chamado de «subsistência», igual ao de abril de 1926. As associações de mineiros das regiões negociarão imediatamente com os patrões, e a conferência dos delegados mineiros reunirá de novo em 25 do corrente, a fim de conhecer os relatórios regionais sobre as negociações. — (H.)

Os mineiros ainda esperam

LONDRES, 22. — Muitos milhares de mineiros continuam a não aguardar a conclusão dos acordos distritais para a solução da greve, apresentando-se desde já ao trabalho, que tem permitido a abertura de novos poços. No dia de hoje apresentaram-se mais 14.007 homens, o que elevou a 590.381 o número de mineiros em serviço. — (L.)

Grupo Dramático "Solidariedade Proletária"

É urgente a passagem de qualquer componente deste Grupo pela administração do nosso jornal a fim de receber a correspondência ao mesmo grupo destinada. É necessário trazer credencial que o acredite como tal.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 15 h. — Noite às 20, 45 h. O melhor espectáculo da actualidade. Exito sempre crescente da grande notabilidade

Emília Domingo

Uma das estrelas do «couplet» mais consagradas pelo público do país vizinho. NOVOS NUMEROS pelo admirável trio SARA-GABY e PETIT BEBY

Balões e couplets pela graciosa artista PEPITA CAMELIA

Concerto pela FOZ MELODY BAND

No écran: NOVELA DUM GUARDA FREIO, 5 partes

uma serie formidável de interesses, e pode comprometer-se, por uma resolução precipitada, os interesses do pessoal da Administração Geral do Porto de Lisboa. — S.

Aos Ajudantes de Farmácia do País

REUNIÃO MAGNA

Convidam-se todos os ajudantes de farmácia, estabelecidos ou não, a comparecerem na reunião magna da classe que se realiza no dia 25 do corrente, pelas 21 horas, na sede da Associação, rua Augusta, 141, 2.º, a fim de se tomar conhecimento sobre a projectada reforma do ensino e exercício de farmácia.

Aos colegas da província que não possam assistir pede-se para enviarem a sua adesão por escrito.

Catarrhos, tosse, bronquites, rouquidão, laringites, pigarro, mau hálito

Curam-se rapidamente com as cigarritas medicinais BESAÚDE VITERI

DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

Fórmula draca — pacote 3500

forte — carteira 4500

fortíssima — carteira 5500

Depósito: Vicente Ribeiro & C.º

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º D.º

TELEFONE N. 5474

TIVOLI — ÀS 21 HORAS

O Fantasma da Opera

Film fantástico, extrêdo da novela do popular romancista Gaston Leroux, com HON CHIRCU, Henry Phillips e Norman Kerry. Tomam parte 5 ou 6 pessoas neste «film». Sceneas a cores naturais.

A maravilha da T. S. F.

Danças artisticas

Uma cine-farça

Revista mundial

Crónica dos assomadiços

Os entusiasmos de uma diversão em casa de vinhos

No lugar de Piteus, na freguesia de Santo António do Tojal, concelho de Loures, reside uma mulher de nome Maria, do Tojal, que ali possui um estabelecimento de venda de vinhos, onde, aos domingos, humilha dependência, costumam realizar-se uns bailes, que ali atraem varios individuos dos logarejos vizinhos. Antontem effectueu-se a costumada diversão, tendo-se juntado varios rapazes de Santo António do Tojal e de Piteus, entre os quais existe uma velha e rixa. A meio do baile, quando naquele estabelecimento se encontravam alguns individuos de Piteus, entraram outros de Santo António, acalorada discussão entre os dois grupos que acabaram por se envolver em desordem, na qual foi ferido a catetada João Soares Junior, de 35 anos, trabalhador rural, natural de Piteus e ali residente no Casal de São Roque, que ficou com varios ferimentos na cabeça, rosto e com os ossos do nariz fracturados. Pensa-se numa farmácia em Loures, foi ontem transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, dr. Mario Carmona, recolhendo, depois de devidamente pensado, a enfermaria Sousa Martins.

Homem agredido à paulada

No Banco do Hospital de São José, onde já chegou sem fala, faleceu ontem poucos momentos depois de ali ter dado entrada António Candido, de 31 anos, serrador, natural e residente em Ramalhal (Torres Vedras) e que ali foi antontem agredido com pauladas na cabeça, por dois individuos que se encontram presos na cadeia de Torres Vedras. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital, aguardando a resolução das autoridades respectivas, a fim de ser remetido para o Instituto de Medicina Legal.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, IDEARIO, que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educação — Liberdade — Tactica — Evolução — Revolução — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayos Filosóficos — Libertad — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Locuras — Fragmento Inédito

Preço 15500 — Pelo correio 16553

Deposito a administração de «A BATALHA»

INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Esta colectividade resolveu abrir na área do Alto do Pina, a sua 7.ª secção, ficando instalada na rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, onde vai abrir uma aula nocturna de primeiras letras e instrução primária, podendo os empregados no comércio, operários e seus filhos, inscreverem os seus nomes todas as noites das 21 às 23 horas, no local acima indicado.

No próximo mês de Dezembro iniciam-se as conferencias estando já inscritos muitos professores, publicistas e artistas sendo em breve publicados os extractos referentes à 1.ª série.

Está já completamente montado o Instituto de Orientação Profissional, que esta colectividade vai abrir brevemente, sob a direcção do illustre professor Dr. Faria de Vasconcelos, que o organizarão com os mais modernos e aperfeiçoados aparelhos que a sciência recomenda para Institutos desta natureza.

Vendedores de Jornais Foot-ball Club

Foram eleitos os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral: Presidente, José Maria da Cunha; 1.º secretário, António Cardoso; 2.º secretário, Eduardo Marques da Silva. Direcção: Presidente, Valentim da Cruz; Vice-presidente, Manuel Marques da Silva; 1.º secretário, José da Silva; 2.º secretário, Alvaro Pavia; Tesoureiro, Custódio José de Assunção; Vogais, Carlos Henriques, José Luciano, Conselho fiscal: António da Cruz, Manuel Jesus de Matos, Eugénio Duarte, Fernandes, Conselho Técnico: António Rodrigues Trovão, António José dos Santos.

Hemorroidal

Curam-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 30500.

A BATALHA na provincia e arredores

Aldeia Nova de São Bento

Acintosa perseguição

ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO 18. — Somos forçados a comentar a vergonhosa atitude do lavrador Januário Luis para com dois rurais daqui a quem ele acusa de autores do roubo de quatro ovelhas no dia 14 de Outubro. Temos todas as provas, morais e jurídicas, para não acreditar nesta estúpida acusação.

Os dois arguidos são camaradas dignos, cuja seriedade não podem ser posta em dúvida. Esses dois camaradas são dois elementos que mais vivamente tem combatido os crimes do lavrador Januário Luis. E é este o único motivo que leva aquele lavrador a accusar-lhes dum crime que não praticaram com o fim de conceitar contra eles malquerenças e desprezo da população.

Mas não o conseguem. Todos as pessoas desta localidade sabem que os atingidos pela infâmia do sr. Januário detestam esses maus actos — esses actos de que é usuário e vezeiro o accusador.

E como não costumamos accusar sem provas aí vai um exemplo:

No dia 1 de Setembro o sr. Januário quis roubar a um pobre velhote, pai dum dos arguidos, certa quantia de uns porcos que o velhote tinha criado. Os dois atingidos agora pelas infâmias do lavrador protestam e ele não levou por diante os seus intentos. No entanto jurou vingança e a vingança não tardou.

Agora um pequeno exemplo da insubsistência da accusação.

O roubo das referidas ovelhas foi praticado no dia 14 de Outubro. Só passado um mês é que o sr. Januário se queixou às autoridades. Porquê? Dizem que por denúncia dos pastores Bento Ferro e António Aurélio. Então como pode ser isto se estes pastores conheciam os rurais atingidos e sabiam que eles não foram os gatuños?

Mas a biographia do sr. Januário é muito conhecida e nós com mais vagar ainda a traçaremos.

Entretanto diremos que a accusação feita aos dois rurais é uma tremenda pouca vergonha, do que de resto toda a gente já está convencida. — E.

Vila Real de Santo António

Um foco de desordens e imoralidades

V. R. DE SANTO ANTONIO, 19. — Nesta localidade existem algumas casas de meretrizes onde se dão frequentemente de ordens. Uma destas casas, sita na rua de Oliveira Martins, é habitada por uma criatura conhecida pela Rosa do Ferri que expulsa desalmadamente as desgraçadas que tem sob as suas garras.

Esta criatura possui uma lingua perversa e costuma frequentemente insultar as pessoas honestas que moram na mesma rua. E' ela, além disso, quem provoca a maioria das desordens que na sua casa são constantes. Estas desordens dão-se quasi sempre de madrugada e chegam a estender-se à própria rua, onde se travam verdadeiros combates a tiro, à pedrada e à catetada, com grave risco das pessoas que nela residem.

Os desordeiros fogem, muitas vezes, pelos quintais das casas vizinhas, causando com as suas invasões grandes estragos materiais.

E' claro que, como não se trata dum greve de operários honestos, as autoridades locais fecham os olhos a tudo isto.

O eterno desleixo e o eterno abandono

Esta vila é uma das mais bonitas e importantes do país. Tem um excelente porto de mar, havendo nelle grande movimento marítimo. E' uma villa bastante industrial, possuindo grande numero de fabricas de conservas de peixe que há bastante tempo se encontram paralisadas por falta de sr. dinha, estando por isso o seu pessoal reduzido à miséria. E' também bastante comercial e a sua alfanega dá bastante rendimento.

A pesar disso a villa está votada ao maior abandono.

Há ruas que estão verdadeiramente intransitáveis, algumas até por não terem sido até à data pavimentadas. Outras, além de terem o inconveniente apontado encontram-se ainda na maior imundície.

A estrada de circunvalação que tem um movimento extraordinário encontra-se simplesmente intransitável. E' não se toma a iniciativa de ordenar estes importantes melhoramentos de que esta villa tanto carece!

Se o fizessem aqueles que têm esse indeclinável dever a villa beneficiaria e atenuava-se um pouco a pavorosa crise de trabalho em que se debatem muitos operários. Mas de coisas mínimas não cura o pretor... E são coisas mínimas o mau estado da villa e a crise de trabalho existente.

Mortágua

Rendimentos dos operários — A debandada

MORTÁGUA, 18. — Seguiu antontem para Coimbra a operária Maria Felismina Pereira, vítima dum grave desastre na fabrica de fiação de Daniel Pereira de Matos. Deu entrada no hospital da Universidade em estado lastimoso.

Ainda não abriu o hospital desta villa por falta de verba.

A Câmara Municipal acaba de pedir a verba de cincoenta mil escudos para reparação das algumas escolas primárias do concelho. Oxalá seja atendida como foi o bispado da Guarda para a sua catedral...

A vida continua encarecendo, fazendo-se prever um inverno de fome para as classes proletárias.

O exodo de braços deste concelho para o estrangeiro, mormente para o Brasil, continua aumentando incessantemente, a ponto de já não haver quem se aplique nos trabalhos agrícolas. — C.

ABREMIACÕES VÁRIAS

Associação de Socorros Mútuos na Inabitabilidade. — Continuu, na assembleia geral do dia 16 do corrente, a discussão do projecto de alteração aos estatutos, que ainda não ficou concluída, estando, por esse facto, marcada nova assembleia, para hoje às 21 horas.

Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais. — Reúne hoje, pelas 18 horas, em assembleia geral, para regularmen o artigo 4.º, «permanência médica», e apreciar o pedido de emissão dum socio.

TEATROS

No Gimmásio

A petiza do gato, de Carlos Arniches, tradução de Feliciano Santos

A peça de Arniches que o Gimmásio levou agora a scena, com o título *A petiza do gato*, é uma ótima tradução de Feliciano Santos, experimentado escritor teatral e um dos espiritos mais cultos da moderna geração. Cultivando com rara felicidade e assinalado éxito o humorismo, Feliciano Santos impoz-se rapidamente e hoje a sua actividade literária é considerada necessária onde se faz literatura a sério.

Pois Feliciano Santos, que é bacharel, afinal o que menos é, deu-nos uma excelente tradução da peça de Arniches, conseguindo conservar-lhe todo o caracter, de que é um exemplo curioso a doseção equilibrada do sentimento e de espirito que nela se nota. *A petiza do gato* caíra, no entanto, estou disso convencido, se não tivesse o tradutor que teve e a interpretação que lhe foi dada. Amélia Rey Colaço esse vibrante temperamento de artista, duma bella maleabilidade e duma intuição rara, incarnou o principal papel com um talento exuberante, vivo, em que a verdade da personagem apparece a flux, sem hesitação, integra.

Raul de Carvalho disse com elegância e simplicidade. Emília de Oliveira compreendeu o seu papel com a consciência artistica que lhe reconhecemos sempre. Constança Navarro, Maria Clementina e os outros artistas, entre os quos incluímos Leonor de Eça, que é uma esperança, como se diz-se, bem. A encenação de bom gosto.

Nogueira de Brito.

O éxito de «O Paralítico»

Ficou ontem, mais uma vez, bem assente, o grande interesse que o publico tomou pelo peça «O Paralítico» e pela companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, que há 26 noites trabalha no teatro Nacional. A linda sala encheu-se completamente dum publico que, não só nos finais dos actos vitoriosos os intérpretes de «O Paralítico», como saiu do teatro contente e satisfeito, por ter visto um bom conjunto e uma peça emocionante e bem ensaiada. «O Paralítico», devido ao éxito incomparavel que está obtendo, continuará no cartaz até dar lugar a «première» da peça «O homem e os seus fantasmas», de Lenormand.

O dr. da Mula Ruça

Amanhã no Avenida effectua-se a representação do applaudido *vaudeville* «O dr. da Mula Ruça». É a peça de mais ruidosa gargalhada, ornada de música mais saltitante executada por uma enlaidorada orquestra jazz band. Brevemente «O pé de salsa».

Teatro Variedades

A companhia de comédia dos illustres empresários Maria Matos-Mendonça de Carvalho, inaugura os seus espectáculos em duas sessões neste teatro sexta-feira com a graciosa comédia «Era uma vez uma menina», em que é protagonista a juvenil actriz Maria Helena. Decerto o publico acorrerá ao Variedades para aplaudir os intérpretes da linha peça tanto mais que os preços, são na verdade populares. Camarotes, 35000 e 30500; «fauteuils» de orquestra, 9500; «fauteuils» simples, 7500; cadeiras, 5500; plateia, 3550; geral, 25500.

Emília Domingo, Petit Beby e Pepita Camélia

Emília Domingo, uma «estrela» das variedades, nome celebrado em toda a imprensa espanhola, está obtendo éxito nas «matrões» e nas «soíres» do Foz. O Petit Beby é sempre aplaudido, nos seus cantos, baillados e «chistes». E o mesmo acontece a Sarah-Gaby e a «completista» e baillarina Pepita Camélia, que baila em conjunto com estas artistas a «sambra gitana» «Peregrina».

«A Novela dum Guarda Freio», impressor «film» em 6 partes abre o espectáculo, durante o qual toca a popular orquestra «Foz Melody Band».

No São Luis continua obtendo grande successo a opereta «O príncipe Orloff». Ausenda de Oliveira, tem um adorável papel que revela exuberantemente o seu talento e arte, e o barítono Sílvio Vieira, cantando primorosamente, são as duas personagens à roda das quais se desenvolve todo o enredo da peça, Vasco Santana, esplendendo no seu cômico papel, bem como Carlos Viana. Célia Mendes, agradável figurinha que encarna um belo papel azulado e vivo.

— A fim de se effectuar na próxima sexta-feira, 26, a «première» da ansiada opereta popular «Mouraria», realiza-se hoje, no Apollo, pela magnifica companhia Almeida Cruz em duas sessões, as ultimas e irrevogáveis representações da luxuosa, brilhante e sensacional opereta «A Princesa Manequim».

— Amélia Rey Colaço na protagonista da comédia «A Petiza do Gato», pôs o seu fulgurante talento à prova de todos os exames e de todas as apreciações. E' um assombro de precisão, de dinâmica, de belleza artistica e de revelações soberbas das suas qualidades histhóricas.

OS QUE MORREM

Maquiel Rosa

Faleceu o operário marceniro Mamel Rosa, de 38 anos de idade. Era muito estimado entre os seus camaradas de trabalho. Deixa dois filhos menores sem amparo algum. O funeral do desditoso operário effectua-se hoje da travessa Gaspar Trigo, 16, 1.º, para o cemitério do Alto de S. João.

— No Instituto de Medicina-Legal realizaram-se ontem autópsias nos cadáveres de Júlia da Costa Oliveira e de sua filha Maria de Jesus, que caíram, há dias, da ponte de Chelas. O seu funeral effectua-se hoje, pelas 2 horas da tarde, para o cemitério do Lumiar.

Cusébio L.º

Na sua casa em Lisboa, onde se encontrava há 20 dias no gozo de licença, faleceu no domingo o sr. dr. Eusébio Leão, ministro pleupotenciário de Portugal junto do Quirinal. O extinto era diplomado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tendo durante muitos annos exercido clinica, dedicando-se ás doenças do aparelho urinario.

Foi um dos mais activos propagandistas da Republica, e na manhã de 5 de Outubro de 1910, foi quem proclamou na varanda do Município de Lisboa, o novo regime.

O funeral do dr. Eusébio Leão realizou-se ontem, tendo-se

MARCO POSTAL

São Gonçalo Igreja.—Manuel J. Faria.—Recebemos a vossa carta. Não temos os manifestos que foram distribuídos em Évora: Silves.—N. J. Sindicalista.—Recebeu-se a importância de 20\$00 para os presos e entregue em devido tempo à respectiva comissão.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid, cheque		2\$97
Paris, cheque		5\$71
Suiza, cheque		5\$78
Bruxelas, cheque		2\$74
New-York, cheque		19\$60
Amsterdã, cheque		7\$84
Itália, cheque		5\$1,5
Brasil, cheque		2\$40
Praga, cheque		5\$5,5
Suécia, cheque		5\$24
Austria, cheque		2\$77
Berlim, cheque		4\$66

TEATROS

Nacional.—A's 21,15.—O Parolito. São Luís.—A's 21.—O Principe Orloff. Gimnasio.—A's 21,30.—A Petisa do Gato. Politeama.—A's 21.—O Centenario. Apollo.—A's 20,30 e 22,30.—A Princesa Manuquin. Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morango. Variedades.—A's 20,30 e 22,45.—Saricote. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e às 20,30.—Variedades. Joaquim de Almeida.—A's 21.—Variedades. Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinees e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden-Cinema.—Rua do Alívio (Alcantara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa. (Mouraria).—Cine-Explanada.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo. —Salão da Promotora.—A's 20 horas.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade. Escritório: Calçada do Combro, 33-B. 2.º

Grande Lotaria do Natal a 23 de Dezembro

Prémio maior 4.000.000\$00 imediato 1.200.000\$00

Única lotaria que rivalisa com a lotaria de Espanha

Para a província açoriana e porto do correio

CAMBIO—Compra e vende as melhores peças do mercado de ouro, moedas nacionais e estrangeiras e coupons

Detalhes a D. E. Oliveira e Silva. Suc. Manuel Nunes da Silva Nunes

84—RUA DA ASSUNÇÃO—86

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração da A Batalha

—Ah! cá está a minha caixa! —Meu pobre irmão! disse a sr.ª Desmarais No meio das tuas ansiedades, não te esqueceste do dia dos meus anos!... Como te agradeço! —Não mereço os teus agradecimentos, minha querida irmã; esta caixa não é para ti; contém alguns objectos preciosos, e papeis que eu quero subtrair às visitas domiciliárias que se fazem em casa dos suspeitos. —Papeis comprometedores, decerto! murmurou Desmarais. Semelhante depósito em minha casa!... —Eu pensei que estes objectos estariam mais seguros aqui do que em qualquer outro lugar, e por isso te mandei. Mas, por motivos que é inútil comunicar-te, é preciso que o teu criado e o guarda-portão levem já esta caixa para uma casa de que te vou dar a direcção. —Vou já dar as minhas ordens! disse a sr.ª Desmarais caminhando para a porta, enquanto o marido a segurava pela mão e lhe dizia friamente: —Não saia, senhora. —Perdão, meu caro cunhado... disse Humberto. Perdão por lhe não ter ainda apertado a mão, a si de quem espero a hospitalidade de algumas horas. Mas há tanto tempo que não vejo minha irmã, que o meu primeiro movimento foi correr para ela e... —Cidadão Humberto! disse o advogado, tremendo de cólera e de medo. A casa dum convencional não pode servir de abrigo aos traidores. —Meu Deus! exclamou a sr.ª Desmarais cheia de terror. —Que diz, meu cunhado?... eu venho pedir-lhe asilo por algumas horas, a si, meu parente, e outrora meu amigo, e o senhor teria a coragem de me pôr na rua?... —Cidadão Humberto! os inimigos da república são os meus inimigos, e eu trato-os como adversários políticos quando eles caem em meu poder. Sãa daqui!

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a: FRANCISCO LATTA LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

FABRICA GOARMON & C.ª

—HERPETOL— —) Dá um (— Alívio instantâneo



SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL, fará desaparecer rapidamente a comição. O HERPETOL. CURA. A testá-lo temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do HERPETOL, é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEREDAS DE INSECTOS, ECZEMA, SÍNDROME DE SECO e ECZEMA DUREZA. Não hesite e compre um frasco de HERPETOL, o melhor remédio que até hoje appareceu. A venda nas principais farmácias e nos depósitos em Lisboa, Rua da Prata, 27, 2.º.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98 TELEFONE N. 5353. Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Narciso.—A's 9 horas. Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Villar—horas. Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães—10 horas. Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas. Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Lott—9 horas. Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Manoel Oliveira—12 horas. Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo—2 horas. Doenças das mulheres.—Dr. Emílio Paiva—2 horas. Doenças das crianças.—Dr. Filipe Manoel—12 horas. Tratamento de diabete.—Dr. Ernesto Roma—9 horas. Boca e dentes.—Dr. Armando Lima—10 horas. Cancro e túbulo.—Dr. Cabral de Melo—1 hora. Reio X.—Dr. Alcu Saldanha—1 hora. Análises.—Dr. Gabriela Beato—1 hora.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-malthusianas..... \$50 O sentido em que somos anarquistas \$30 A peste religiosa..... \$40 A Liberdade..... \$50 A Internacional (música e letra)..... \$30 Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 83

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de boas fazendas de lã para venda directa das fábricas ao publico, que vendemos por preços muito baixos. Estampas e casimiras desde Esc. 1.400 o metro. Grande sortimento das principais fábricas do país, e um escolhido artigo de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem comoção. Há feitos e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 18\$90. Casacos de senhora desde Esc. 12\$00. Tem filiação para a sua carreira ciente.

Executam-se fatos em 24 horas. Mandam amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º—Telefones N. 3435 CORPO CLÍNICO—DOCTORES. A. de Almeida Rocha.—Clínica geral—às 14 h. António de Carvalho.—Pele e sífilis—às 18 h. Berta de Moraes.—Doenças das senhoras—às 14 1/2 h. Carlos Guerra.—Clínica médica—Doenças do coração e pulmões—às 18 h. Domingos Dias.—Doenças da boca e dentes—Prótese—Doenças tropicais—às 17 1/2 h. Fernando Waddington.—Raio X—Electricidade médica. Heitor da Fonseca.—Clínica médica—Doenças do estômago, intestinos e fígado—às 13 h. J. Pais de Laranjeira.—Doença dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salazar Carreira.—Doenças das crianças, ortopedia, ginnástica e massagem médica—às 10 h. e 12. Lopes de Andrade.—Doenças dos olhos—às 17 1/2 h. Pedro Roberto Chaves.—Análises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho.—Cirurgia, operações—às 16 h.



MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante — EM — A ORIGINAL RUA DA PALMA, 266-A

NINGUEM!! NINGUEM!!

deve comprar casacos para senhoras e crianças em peluches de lã, peluches de seda e de outros tecidos de lã modernos e sobretudos para homens sem primeiro ver na CASA MARIPOSA RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

Lotaria do Natal História Universal del Proletariado

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores 4.000.000\$00 1.200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cautelas a 6\$00. Pelo correio mais 8\$0.

Pedidos a Campião & C.ª 116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozeiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de "A Batalha".

A' VENDA a 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 13 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00. A obra mais barata que no género se publica

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 3510, de 7 de Maio de 1919 e respectivos regulamento publicado no Diário do Governo de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avaliado de 31.

Os sindicatos que desejem adquirir quantidade farão-lhe um abate de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos a administração de A BATALHA

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO	Jorge Teixeira.—Gatinhos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro)
Abel Botelho—Amanhã..... 16\$00	Juliano Quintinha..... 8\$00
Alexandre Heroullano..... 18\$00	Visinhos do Mar..... 8\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes)..... 18\$00	Cavalgada do Sonho..... 8\$00
Cartas (2 volumes)..... 18\$00	Terras de Fogo..... 8\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols)..... 27\$00	Dor vitoriosa (novela)..... 5\$00
Adolfo Lima..... 10\$00	Laisant.—Inicição matemática..... 5\$00
Contracto do Trabalho..... 10\$00	Malvert.—Ciência e Religião..... 10\$00
Educação e ensino..... 5\$00	Mário Domingues—Hugo, o pintor (novela)..... 2\$25
O ensino da história..... 1\$50	Anastácio José (idem)..... 2\$25
Aquino Ribeiro..... 3\$00	Manuel Ribeiro..... 2\$25
Anatole France..... 10\$00	Poder redentor (novela)..... 2\$25
Estrada de São Tiago..... 10\$00	Mirbeau.—O Jardim dos Suplicios..... 4\$00
Jardim das Tormentas..... 10\$00	Nogueira do Brito..... 1\$50
Via Sinuosa..... 10\$00	I—Memórias de Angela Pinto Sangue Fidalgo (novela)..... 2\$25
As Filhas de Babilónia..... 10\$00	Não, diz a Lei (novela)..... 2\$25
Terras do Demo..... 10\$00	Pargame—Origem da vida..... 8\$00
Augusto Machado—Impossível redenção (novela)..... 2\$25	Oliveira Martins..... 1\$50
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados)..... 10\$00	Helenismo e a Civilização Cristã, História da Civilização ibérica..... 1\$50
Bento Faria.—Missa nova (teatro em verso)..... 2\$00	História da República Romana (2 volumes)..... 30\$00
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus..... 4\$00	História de Portugal (2 vols)..... 30\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência..... 12\$00	Racismos Humanos (2 vols)..... 30\$00
Charles Darwin.—Origem das espécies..... 14\$00	O Brasil e as Colónias Portuguesas..... 1\$50
Campos Lima..... 12\$00	Cartas Peninsulares..... 1\$50
O Estado e a evolução do Direito..... 12\$00	Sistema dos mitos e efecções religiosas..... 1\$50
O Amor e a Vida..... 5\$00	Orlando Mareal..... 6\$00
Cela dos Pobres..... 2\$00	Agnes clara..... 1\$00
A Revolução em Portugal..... 6\$00	Imagens de Sonho..... 1\$00
Cristiano Lima.—A escola de Nun'Alvares (novela)..... 2\$25	Os Pescadores..... 10\$00
Duarte Lopes.—Frel Sangue..... 5\$00	Os Pobres..... 10\$00
Eça de Queiroz..... 18\$00	O Teatro..... 8\$00
O crime do Padre Amaro..... 18\$00	Spencer—Da Educação (br. 5\$00) enc. Sebral de Campos—Dois tiros (novela)..... 2\$25
O primeiro Basílio..... 18\$00	Tolstoi.—A sonata de Kreutzer..... 4\$00
O Mandarim..... 8\$00	Ana Karenine (3 vols)..... 15\$00
Os Maias (2 vols)..... 28\$00	Toulouse.—Como se deve educar o espirito..... 4\$00
A Religião..... 18\$00	Wenceslau de Moraes..... 12\$50
A Cidade e as Serras..... 12\$00	Dai-Nippon..... 12\$50
Frade Mendes..... 9\$00	Victor Hugo..... 10\$00
Casa Ramires..... 18\$00	França e Belgica..... 10\$00
Prossas Bárbaras..... 10\$00	O Reno (2 vols)..... 15\$00
Ecce de Paris..... 9\$00	Os Miseráveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados..... 40\$00
Cartas Familiares..... 9\$00	Zola..... 12\$00
Cartas de Inglaterra..... 9\$00	A Taberna..... 12\$00
Minas de Salomão..... 9\$00	Terça Raquin..... 5\$00
Notas Contemplativas..... 15\$00	Alegria de viver (2 vols)..... 8\$00
Últimas páginas..... 15\$00	A conquista de Plassans, (2 vols)..... 20\$00
Contos..... 15\$00	Fecundidade..... 20\$00
Ernesto Haackel..... 20\$00	A fortuna dos Rougons, (2 vols)..... 20\$00
História da Criação..... 5\$00	Uma página de amor..... 8\$00
Origem do Homem..... 5\$00	Dr. Pascal..... 8\$00
Os enigmas do Universo..... 14\$00	FOLHETOS
Monismo..... 4\$00	Eliseu Reclus.—Anarquia e a Igreja..... 1\$00
Religião e evolução..... 6\$00	A Evolução legal e a anarquia..... 3\$00
As maravilhas da vida..... 14\$00	Gonçalves Correia.—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura..... 5\$00
Faguet.—Inicição filosófica..... 5\$00	José Prat.—A burguesia e o proletariado..... 5\$00
Inicição literária..... 10\$00	A necessidade da Associação..... 5\$00
Faria de Vasconcelos..... 5\$00	Content.—Contra o confucionismo..... 5\$00
Problemas escolares..... 5\$00	Alfredo Neves Dias.—Razão (poema to social)..... 5\$00
Por terras de além mar..... 5\$00	Ernesto da Silva.—Teatro livre e Arte Social..... 3\$00
Ferreira de Castro..... 2\$50	Landauer.—Social Democracia..... 3\$00
Sangue Negro..... 8\$00	R. Mela.—O principio do fim..... 3\$00
Sedas de Lirismo e de Amor..... 8\$00	A maçonaria e o proletariado..... 3\$00
A Peregrina do Mundo Novo..... 6\$00	J. Most.—Peste religiosa..... 3\$00
F. Castro e E. Fria.—A Boca da Esfinge..... 8\$00	João P. do Rio..... 5\$00
Flamarion..... 5\$00	Definições sociais..... 5\$00
Inicição astronómica..... 5\$00	Horas anarquistas (versos)..... 5\$00
Contos de luto..... 5\$00	Trovas da Noite..... 1\$00
Como acabará o mundo..... 7\$00	Roberto, o pescador..... 1\$00
Os habitantes dos outros mundos..... 4\$00	Memórias do Parque de São João do Forte..... 7\$50
Felix de Vantes.—As influências anarquistas..... 10\$00	Carnet de Pensamento..... 2\$00
Atemo..... 6\$00	Bakunine.—O sentido em que somos anarquistas..... 5\$00
Filho de Almeida..... 10\$00	Chueca.—Como não ser anarquista..... 5\$00
Lisboa Galante..... 9\$00	Lazare.—A Liberdade..... 5\$00
Estâncias de Arte e Saúde..... 9\$00	B. Elvirant.—A minha defesa..... 5\$00
Figuras de destaque..... 9\$00	Kropotkin..... 3\$00
Actores e Autores..... 9\$00	Os bastiões da guerra..... 3\$00
Contos..... 9\$00	Moral anarquista..... 5\$00
A Espinha..... 9\$00	O espirito revolucionário..... 5\$00
Avés Migradoras..... 9\$00	O estado e o seu papel histórico..... 1\$50
Barbear, Pentear..... 9\$00	J. Guedes.—Lei dos Salários..... 3\$00
Cidade do Vicio..... 9\$00	Briand.—A greve geral..... 3\$00
Pasquinadas..... 10\$00	Roland.—Russia Nova..... 3\$00
Pais das Uvas..... 9\$00	••• O sindicalismo e os intelectuais..... 5\$00
Saibam quantos..... 9\$00	D. Carvalho.—A gestão sindical no periodo revolucionário..... 5\$00
Vida errante..... 9\$00	A. Hamon.—A crise do socialismo..... 5\$00
Vida ironica..... 9\$00	J. Santos.—A transformação da sociedade..... 5\$00
Guerra Junqueira.—A morte de D. João Musa em férias..... 7\$00	Neno Vasco..... 3\$00
Os Simples..... 14\$00	Georgicas..... 3\$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo)..... 10\$00	Greve de inquilinos, teatro..... 1\$00
Brochado..... 10\$00	Proletariado Histórico..... 1\$00
Gorki.—Os Degenerados..... 4\$00	G. Archinof.—A Revolução social e o Sindicalismo..... 5\$00
Os Vagabundos..... 4\$00	Charles Rates.—Aditadura do proletariado..... 1\$00
Na Prisão..... 2\$50	Emílio Chapelier.—Porque não creio em Deus..... 1\$00
Ibsen.—Espectros..... 4\$00	Rodolfo Rocker.—O sindicalismo revoluc. e a organização operária..... 1\$00
Casa de bonecas..... 5\$00	
Jaquet.—História Universal, 2 v. Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro)..... 5\$00	
José Benedit.—A ciência redentora (novela)..... 2\$25	
Jesus Peloto.—O mestre geral (novela)..... 2\$25	

representante do povo!... disse o comissário. Acho singular esta desapareição. —Eu começo a compreender; minha mulher fez evadir-se o irmão pelo seu quarto. A escada de serviço dá para o pátio, e o scelerado é capaz de ter fugido pelo jardim! —O advogado precipitou-se para a porta do quarto, bradando: —Louvado seja Deus! ele não pode ter ainda fugido. —Vão recomendar à nossa gente que redobre de vigilância disse o comissário a dois dos seus homens, que saíram precipitadamente. —A porta do quarto cedeu aos esforços do advogado. O quarto estava vazio. —De repente, um dos agentes sobre precipitadamente a escada, e exclama logo ao entrar da porta: —Traição! o homem fugiu... Duas mulheres, uma das quais embrulhada num grande capote de peles, passaram pela porta, onde estavam dois soldados, dizendo uma delas: «Sou a sr.ª Desmarais, e vou sair com a minha filha.» —E' mentira! Minha filha está até no seu quarto. —Corram em perseguição dos fugitivos! disse o comissário aos agentes que o rodeavam. Depois, voltando-se desconfiado para o advogado, o comissário prosseguiu, apontando para a caixa de madeira:—Cidadão representante! esta evasão parece-me hábilmente combinada. Mas ainda outra coisa de que o acusam... Em nome da lei, intimo-o a que me diga o que contém esta caixa. —O advogado lembrou-se de que o sr. Humberto tinha dito à irmã que se servia do pretexto dum presente de dia de anos para ela, a fim de subtrair às visitas domiciliárias objectos preciosos e papeis, que podiam ser altamente comprometedores. —O terror do sr. Desmarais crescia cada vez mais; o miserável, forçado pela lógica da sua hipocrisia a embrenhar-se sempre no caminho em que julgava salvar-se. disse ao comissário: —Antes de responder à sua pergunta, cidadão, requeiro a prisão de minha mulher, como cúmplice da evasão dum conspirador. —Não tenho mandado de prisão contra a cidadã Desmarais. Darei conta do facto ao procurador da comuna. —Com respeito à caixa, responderei que me não pertence; foi mandada para aqui, há alguns dias, por meu cunhado, dizendo que era um presente destinado para o dia dos anos de minha mulher. E tenho agora motivos para supor que o cidadão Humberto, abusando da minha boa fé, procurasse ocultar alguns papeis comprometedores, mandando-os nesta caixa para minha casa! Só há pouco tive estas suspeitas, provocadas por algumas palavras proferidas por meu cunhado, quando eu o ameaçava de o mandar prender. Nada mais tenho a dizer. —Arranquem a tampa dessa caixa! ordenou o comissário aos soldados. Estes introduziram as baionetas entre a tampa e a fechadura da caixa, arrombando-a facilmente. O advogado olhou com inquietação para a caixa, que estava cheia de punhais, de pistolas e de pacotes de cargas de bala. No meio disto estavam massas de proclamações da junta realista. —O sr. Desmarais, apesar da sua dissimulação e do império que ordinariamente exercia em si mesmo, não pôde ocultar o susto que lhe causou a descoberta do que continha a caixa. Mas, recuperando o seu sangue frio, por um esforço de vontade, fingiu-se indiferente e atirou para dentro da caixa um exemplar da proclamação que acabava de ler. —O comissário sentou-se a uma mesa, tirou da algibeira um tinteiro, e começou a escrever. Nisto appareceu a porta do salão a sr.ª Desmarais, pálida, trémula, mal podendo ter-se em pé. Mas lia-se-lhe nos olhos a alegria que lhe causava o ter o irmão livre. Assim que entrou, ela disse, olhando para o céu: —Louvado seja Deus! está salvo!



O REGIME BURGUEZ

A morte e o suicídio

Todos os que se têm ocupado da história das religiões o têm feito num sentido apologetico, qual o de Fleury, escrevendo a sua monumental *História Eclesiástica* (38 volumes) ou num sentido de crítico racionalista, como o de Fleury, escrevendo a sua monumental *História Eclesiástica* (38 volumes) ou num sentido de crítico racionalista, como o de Fleury, escrevendo a sua monumental *História Eclesiástica* (38 volumes).

É hoje opinião da maioria dos filósofos que as primeiras manifestações do religiosismo reflectido surgiram em face do problema da morte.

A morte, consequência fatal do nascimento, visto como tudo o que começa tem de acabar, é devida à inutilização de qualquer dos órgãos essenciais à vida. O momento dessa inutilização é, porém, afastado graças aos cuidados que espontaneamente o homem toma, agulhados pelo instinto da conservação, que o leva a procurar tudo quanto possa fortalecer-lhe e prolongar-lhe a vida, ao mesmo tempo que a evitar tudo quanto possa prejudicar. Este instinto, fonte de todo o nosso aperfeiçoamento progressivo, bastou a criar no homem primitivo o horror da morte, horror de que os próprios animais, na aproximação do momento fatal, dão provas bem inequívocas.

Não compreendendo a morte como um fenómeno natural, o homem primitivo atribuiu-a a malefícios, quer espontaneamente exercidos por espíritos ou demónios, quer provocados por sortilégios de algum inimigo do morto. Nesta última suposição, consultava-se o feiticeiro da tribo, o qual, lançando sortes e fazendo monições adivinatórias, acabava por descobrir o culpado, sobre quem devia exercer-se depois o direito de vingança dos parentes ou da tribo.

Desta incompreensão da morte nos dá ainda exemplo a Bíblia no episódio do assassinato de Abel por Caim. Este, ao ver seu irmão prostrado, chama-o, interroga-o, e a custo reconhece que aquela existência cessou.

Desta incompreensão e daquele terror resultou a reacção do homem contra a fatalidade da morte pela invenção de drogas mágicas, por muito tempo empiricamente arranjadas, e só depois cientificamente determinadas, e pelo embalsamamento dos cadáveres, espécie de burla feita à morte. Era pouco, porém, e o homem, ao ver que das sepulturas se levantavam, de noite, pequenos fogachos oscilantes e pálidos como um sonho (os fogos fátuos), gases evoluídos da decomposição orgânica, tomou esses fogachos como alguma coisa que do morto sobrevivia, certamente o seu espírito, e criando assim a metafísica animista, alargou-a logo, em reacção contra a ideia da morte, sobrepondo-lhe a metafísica da imortalidade.

Deste modo o medo instintivo da morte conduziu ao assassinato, isto é, à provocação da mesma morte.

Do que se infere claramente que o medo e as suas funestas consequências resultam, inevitavelmente, da ignorância do mecanismo da natureza.

Por outro lado se justifica a necessidade inadiável de instruir, de civilizar, criando nos espíritos noções novas sobre a natureza das coisas, a fim-de se poder encarár o fenómeno da morte como uma das manifestações necessárias da existência. O espírito humano na sua condição sine-qua-non de pesquisar sempre, eternamente, através do desconhecido, concebeu ao cabo de mil luctações, a teoria transformista; pela qual se conclui, que a morte é um facto simplesmente aparente, verdadeiro apenas em atenção à Humanidade; mas que em face da Natureza inteira não passa dum modificação da vida universal, caracterizada pela transformação da matéria, que aliás nunca se conserva imutável, antes se apresenta em constante mudança química.

E de facto a própria curiosidade do espírito humano em desvendar os mistérios do Inconhecível, não corrobora a moderna afirmação de que na Natureza nada se conserva eternamente no mesmo estado?

Ao tratarmos da Morte, esse espectro émonico, que o modo popular tão convulsivamente repele, e que os padres, safinhos exploradores da fé, aproveitam como filão inextinguível, vem-nos à mente, por sugestão, a ideia do Suicídio, essa modalidade da morte.

E assim como o medo da Morte tem, como dissemos, a sua origem no instinto da conservação da espécie, do mesmo modo o suicídio se baseia nesse mesmo instinto. Muito ao contrário do que ordinariamente se julga, o suicídio, não põe termo à existência porque deteste a vida, mas sim porque a ama.

É paradoxal este raciocínio, mas no fundo muito verdadeiro e lógico. Max Nordau, nas suas *Mentiras convencionais da nossa civilização*, confirma o nosso pensamento, dizendo: «quando o homem se suicida, fá-lo porque ama a vida».

E de facto, se descermos à análise dos motivos que levam o desgraçado ao seu fatal desespero, acharemos que a causa funesta não reside na vida, mas tão somente nos embaraços, nas dificuldades inamovíveis que o impediam de viver, de gozar a vida; circunstâncias estas agravadas pelo pessimismo, que outra coisa não é que a fraqueza do espírito, a ausência de ânimo para lutar e combater esses embaraços e dificuldades, criados pelo convencionalismo da sociedade.

Sendo o suicídio considerado como uma usurpação sobre o direito que Deus tem de chamar-nos a si, sem que a nós assista o direito de nos anticiparmos à vontade divina, a Igreja condena irremissivelmente o suicídio, como tendo faltado à fé na misericórdia de Deus, e como estando por conseguinte fora da graça divina. Como tal, ao suicida são negadas as orações da Igreja, e é-lhe vedada a sepultura eclesiástica. Não obstante, o Cristianismo repousa de facto sobre um suicídio, pois que outra coisa não foi o sacrifício de Jesus, voluntariamente voltado à morte pela redenção do pecador, quando tão bem podia ter perdoado o pecado original, sem ter forçado o homem à prática dum suicídio.

De facto a vida não é mais do que a sequência dum momento de aproximação las-

civa dos dois sexos; não é Deus quem no-la dá: é a cópula. Mas que fosse Deus, ele não podia forçar-nos a aceitar um benefício que lhe não pedíamos, para a concessão do qual não fomos consultados, desde que tal benefício deixou de ser, passando a ser para nós um tormento. Viver não é sofrer: é gozar. E desde que a soma do sofrimento é tal que faz que o gozo da vida se torne quimérico, o homem está no direito de ir-se embora, suprimindo na vida a causa dos seus males.

Mas, afinal, esses homens tão zelosos do direito de Deus sobre a nossa vida são todos, ou quasi todos, partidários da pena de morte.

Erguer a mão sobre a própria vida será um sacrilégio, pois que foi apressar a hora designada por Deus. E suprimir juridicamente a vida dum homem, muitas vezes em nome de Deus, como fazia a inquisição, que será?

Segundo a opinião do dr. Heig o suicídio é determinado por uma disposição mórbida resultante do excesso de ácido úrico no sangue. Opõe-se-lhe, porém, a do professor Grasset, segundo a qual a existência do ácido úrico não é determinante, mas apenas concomitante. A disposição mórbida vem do desgosto da vida resultante da miséria material ou da depressão moral, qualquer que seja o aspecto dessa depressão.

Afinal o sentimento religioso é impotente para embargar o suicídio.

Na Índia a própria religião provoca os suicídios, ensinando, como supremo bem, a angustiação do ser humano no seio do Ser Infinito. Haja em vista os sacrifícios voluntários das virgens gaudes pela pátria. Entre nós há uma larga lista de bons cristãos e de sacerdotes que acabaram por se suicidar, apesar de toda a sua crença. Camilo Castelo Branco, que nas *Horas de Paz* combatia o suicídio como um teólogo consumado, suicidava-se todavia. E não se diga, pois, que é a falta de fé que leva ao suicídio. A religião é tão impotente para obstar ao suicídio, como é indiferente a filosofia de alguns que, considerando o suicídio como acto supremo da liberdade humana, quasi o glorificam. Estes não farão crescer o número dos suicidas, como os padres o não fazem diminuir.

E' que o remédio para o suicídio não pode ser procurado nos domínios do transcendentalismo. Apenas a beneficência da vida humana, tornada colectivamente mais harmoniosa e mais justa, fará que a vida seja amada.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Cabeção

CABEÇÃO, 20.—Realizou-se na sede do sindicato dos rurais desta localidade uma sessão de propaganda sindical que foi presidida por Manuel de Almeida Carvalho secretariado por José Pedro Veredas e José Aurélio Afonso.

Falou, em primeiro lugar, José Joaquim Candieira que depois de lamentar a pouca concorrência referiu-se ao bem estar em que vive o operariado suíço, bem estar que conquistou devido à sua consciência e ao seu espírito de solidariedade.

Da grande crise de trabalho existente cabe uma parte de culpa aos operários que deixaram desencadear a ofensiva capitalista coligada com a igreja de Roma. Incita os rurais a organizarem-se sindicalmente, não temendo a repressão exercida pelos lavradores. O trabalhador que se recusa a ingressar no sindicato torna-se um aliado dos seus exploradores.

Termina exortando os presentes a prepararem-se para a defesa dos seus direitos e regalias ameaçadas.

António Marcelino, em nome da C. G. T., faz, de entrada, uma larga exposição dos objectivos e fins da organização operária. A classe capitalista envida os maiores esforços para impedir que os trabalhadores se organizem, visto que da união dos seus explorados pode resultar a desapareição do seu predomínio.

Ataca violentamente o clericalismo e revela os perigos que resultam da frequência da taberna, apontando os males resultantes do alcoolismo.

Referiu-se largamente à crise de trabalho e à carestia da vida e acentua que os governos impedem a instrução e a educação das classes trabalhadoras.

Pedro Alexandre refere-se à miséria em que se debatem os rurais, afirmando que grande culpa cabe aos que se resignam à exploração de que são vítimas.

Termina apelando para 2 união de todos os trabalhadores.

Seguem-se na mesma ordem de ideias Alfredo Angelino e Manuel Almeida de Carvalho, sendo em seguida encerrada a sessão, por entre vivas à C. G. T. e à Batalha.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Decorreu muito animada a comemoração do 28.º aniversário do Sindicato dos Impressores

Realizou-se no passado sábado, com farta concorrência, a comemoração do 28.º aniversário da fundação do Sindicato dos Impressores Tipográficos que decorreu muito animada. A sala das sessões encontrava-se engalanada com bandeiras dos sindicatos operários. O nosso camarada Nogueira de Brito leu a sua conferência «O valor das artes gráficas no progresso da Humanidade», que foi com geral agrado ouvida pela assembleia. Devido à importância deste trabalho um membro da direcção comunicou à assistência que aquela conferência ia ser editada em folheto, ideia que foi muito bem recebida.

Seguiu-se a representação pelo grupo dramático Solidariedade Operária, de várias peças de carácter social, e o grupo bandolimista «Os Inocentes» fez-se ouvir no seu variado repertório.

Foram lidas as seguintes saudações: do Sindicato dos Compositores Tipográficos e do Sindicato do Pessoal da Imprensa Nacional.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau da L.ª Pressa.

A situação do pessoal menor dos estabelecimentos de ensino oficial

O sr. José Maria Frazoa, empregado no laboratório químico do liceu de Camões, enviou ao director de A *Epoca* uma carta escrita em termos correctísimos que aquela odienta personalidade se recusou a publicar.

Pede-nos o signatário que ela seja reproduzida nas nossas colunas, o que de boa vontade fazemos, tanto mais que conhecemos a léguia os processos jornalísticos do jesuíta Fernando de Sousa:

«Com o título «E' preciso evitar as reformas precipitadas» e sub-título «A propósito da Reforma da Instrução», publica o jornal A *Epoca*, de 16 do corrente, que V. dirige e mantém, um criterioso artigo, que, por conter uma inexactidão, que muito nos pode prejudicar, eu solicitei de V. que fosse rectificada; e isto para que se não continuasse a dar o caso de, além de mal tratados, sermos, ainda por cima, censurados, e ainda porque de maneira alguma se pode admitir que um jornal, com a orientação da *Epoca*, dê curso a boatos ou informações que apenas conseguem deprimir ainda mais aqueles que, pela sua condição humilde, de que culpa alguma têm, são esquecidos, vexados e até afastados por quem outro tratamento lhe devia conceder.

Numa das passagens do referido artigo, diz o seu autor: «Como se o Tesouro nadasse em dinheiro, saltaram-se aumentos para toda a gente, sem exclusão do pessoal menor, que não foi dos mais acañados em pedir, passagem que deve ter causado nos seus numerosos leitores o desejo justificado de conhecer a quanto montava o aumento que ao chamado pessoal tinha sido concedido, tanto mais que dava-se o facto de este não ter sido pobre em pedir, e caso interessante é que até nós, parte integrante do pessoal menor, ficamos ansiosos por conhecer quanto tinha sido a nossa parte, uma vez que até então toda a gente que dessas coisas percebe, nos tinha garantido que o nosso aumento tinha sido negativo, isto é, que o ilustre legislador, que tão amigo tinha sido para alguns interessados na Reforma, em vez de nos ter aumentado, nos tinha diminuído os proventos, cortando-nos as míseras gratificações de 3750, que há doze anos nos eram concedidas pelo desempenho dum serviço especializado, o que deu em resultado passarmos a receber 540500, quando anteriormente recebíamos 577500.

Agora, porém, surge o seu jornal a dizer que também tínhamos tomado parte nos aumentos, o que deforma alguma está certo, como certo não está a afirmação de que não fomos acañados em pedir, visto que nos limitámos a reclamar que nos fosse garantido, ou melhor concedido, o ordenado de 600050 mensais, de harmonia com o que reclamou todo o pessoal menor, mas não de harmonia com o que necessita qualquer chefe de família para se poder agigantar com uma tal carestia de géneros que ultimamente se lhe tem deparado, e ainda o aumento da gratificação que então recebíamos. E' facto que, por efeitos da aplicação da Reforma, ficamos com direito às diuturnidades de serviço, diuturnidades que atingem a importância de 20500 (I) em cada período de cinco anos de serviço, que dá direito, quando aplicadas sem melhorias, ao aumento de \$05 diários, e com melhorias a \$36, pouco mais ou menos. Será isto o aumento referido? Se é devo declarar a V. que, em lugar da minha diuturnidade, antes quero a gratificação de que fui prejudicado, para não dizer roubado.

Com referência à reclamação que fizemos é facto que não foi das mais acañadas nem das mais falhas de patriotismo, visto que nela solicitávamos, muito empenhadamente, o encerramento imediato dos quadros, pois não ignora V., nem decerto ignoram os numerosos indivíduos que têm passado pelas cadeiras do poder, incluindo os que actualmente nelas se encontram, quanto porfiada tem sido a nossa luta em prol dessa concessão, e a resposta também V. a conhece, foi o alargamento dos quadros dos liceus da província e a nomeação de mais chefes de pessoal menor, para os referidos liceus, um ornamento de que até à data ninguém tinha encontrado falta.

Nestas condições e em nome dum razoável número de indivíduos denominados empregados menores dos liceus, apelo para V. a fim-de que, convenientemente, os leitores do seu acreditado jornal sejam esclarecidos, não só para evitar errados juízos se não ainda para dar o seu ao seu dono. Tanto mais que, alterada como anda a mentalidade do nosso povo, uma razoável maioria de criaturas critica a Reforma, não porque ela tenha isto ou aquilo que seja nocivo ao ensino ou detestável à educação, mas apenas porque concedeu um aumento a esta ou aquela pessoa e não contemplou este ou aquele indivíduo, algumas há, até, que esquecem ou fingem esquecer a impossibilidade de termos um bom ensino enquanto não tivermos um bom corpo docente e ainda a impossibilidade de tal conseguirmos, em virtude de lhe querermos pagar como pagamos a um oficial inferior do exército ou chefe de polícia. — De V. etc, José Maria Frazoa.

Professor

Precisa-se para leccionar instrução primária, em Marvila, duas horas por noite, excepto aos sábados. Carta com ordenado à rua das Trinas, 112, 1.ª, a Sousa.

Secção telegráfica Federações

DO LIVRO, DO JORNAL, E SIMILARES Conselho Inter-federal — Só hoje recebemos officio, segue expediente.

Uma reclamação

O sr. José de Figueiredo veio queixar-se nos de que o Tribunal dos Arbitros Avindores não dá andamento a uma queixa que apresentou, há cerca de três anos, contra a firma Galvão & Gameiro. Reclama providências, pois está passando o prazo marcado por lei para a validade do processo.

Aspectos flagrantes do terceiro Congresso de Electricidade, reunido em Coimbra

COIMBRA, 21. — Tiveram hoje início, nesta cidade, os trabalhos do 3.º Congresso de Electricidade.

A recepção aos congressistas foi feita, pelas 17 horas, no salão nobre da Câmara Municipal, com a assistência das autoridades civis e militares, engenheiros, professores, etc.

O dr. sr. Mário de Almeida, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, convidou a assumir a presidência da sessão o general sr. Teixeira de Aguiar, sub-secretário de Estado da Guerra, que por sua vez nomeou para secretariarem os srs. governador civil de Coimbra, comandante da 2.ª Região Militar; o inspector de telegrafos sr. Paula de Ataíde, representante da administração geral dos correios e telegrafos, e o dr. sr. Mário de Almeida.

A figura em relevo de um «força-viva»

O sr. Carlos de Oliveira, um dos directores de O *Século*, agradece, em nome da Comissão Organizadora do Congresso, a maneira como os congressistas são recebidos.

Afirma que este congresso é uma manifestação da vitalidade do país, cumprindo ao governo auxiliar as resoluções nele tomadas.

O meneur das forças-vivas, que é dotado de grande prolixidade, termina o seu discurso por afirmar ser necessário, para bem da Pátria, que todos os portugueses se disponham a trabalhar muito, pois que é no trabalho que se afirma a prosperidade dum nação.

Digamos, em parêntesis, que não chegámos a atingir o alcance das palavras do sr. Carlos de Oliveira, nem a que espécie de trabalho se quis referir. Ficámos, no entanto, com a impressão de que o sr. Carlos de Oliveira passou um atestado de preguiçosos aos seus colegas das forças económicas, que são afinal os que na sociedade menos produzem. O próprio aspecto físico do sr. Carlos de Oliveira, o seu ventre proeminente, deixam-nos a impressão de que este senhor não é homem para grandes canceiras.

Em seguida, o general Aguiar saíu do Congresso em nome do governo e faz votos pelo êxito do Congresso, depois do que é encerrada a sessão.

Assim terminou a sessão de recepção aos congressistas, no meio do ambiente frio e preconceituoso das recepções officiais, onde ressaltava a nota insincera das frases ócas dos oradores, que só por dever official ali se encontram.

Um grande discurso e uma banção a-proposito

A sessão inaugural realizou-se em seguida no salão da Associação Commercial.

Preside novamente o general Aguiar, secretário do governador civil, comandante da Região Militar, dr. Costa Henriques e o bispo-conde.

O sr. Vilaga da Fonseca, presidente da Associação Commercial, saúda os congressistas.

O engenheiro sr. Carlos Micaëlis de Vasconcelos relata os trabalhos da Comissão Executiva entre o 2.º Congresso e este.

O sr. Ezequiel de Campos, em seguida, profere um discurso sobre as crises do país, só solucionáveis, apesar da sua complexidade, pelo problema da electricidade, criticando o recente decreto dos aproveitamentos hidráulicos.

Aborda o problema de emigração que se está desenvolvendo duma maneira espantosa e que afecta, diz, a situação económica, fazendo considerações tendentes a demonstrar que a emigração se evitará com um melhor aproveitamento do esforço humano. Apresenta como exemplo o aproveitamento das águas na região de Valência, Espanha, cujos resultados enriqueceram aquela região e evitaram a constante emigração.

O sr. Martins Rocha saúda o Congresso em nome da Associação Commercial do Porto. Por ultimo faz uso da palavra o bispo-conde, que, pelo que vemos, é um ornamento indispensável, há um tempo a esta parte, em todas as manifestações mais ou menos officiais.

O bispo, entre diversas coisas, afirma que a igreja é progressiva e amiga da ciência (sic) terminando por pedir a bênção de Deus para os congressistas.

Desconhecemos se o bispo envolveu também nas suas bênções os congressistas ateus que estavam presentes, ou se ela apenas foi dada aos católicos que porventura lá estivessem, mas que, segundo informes, não seriam muitos.

Depois da bênção, foi encerrada a sessão.

A primeira sessão ordinária

A primeira sessão ordinária foi presidida pelo sr. Paulo Ataíde, secretariado pelos srs. dr. Mário de Almeida, Vilaga da Fonseca, Carlos de Oliveira e Ferreira do Amaral.

O sr. Ferreira do Amaral, referindo-se ao ultimo congresso realizado no Porto, propõe que se nomeie uma comissão que estude os motivos do não cumprimento das resoluções desse congresso.

O sr. Teles de Menezes fala do aproveitamento do carvão de pedra ionizado.

O sr. Ezequiel de Campos apresenta a sua tese em que preconiza o estudo dos valores termo e hidro-eléctricos. Protesta contra um ultimo decreto que estabelece pesadas sanções a empresas já existentes.

O sr. Roldan e Pego lê a sua tese sobre aproveitamento da energia, defendendo o desenvolvimento da politica hidráulica. Lembra que esta já é adoptada pelo actual ministro do Comércio.

O engenheiro sr. Silva Lopo apresenta a sua tese em que defende os aproveitamentos hidro e termo eléctricos.

O sr. Ferreira do Amaral protesta contra a fiscalização das indústrias eléctricas ser exercida pela direcção dos serviços hidráulicos negando a esta entidade competência para isso.

O sr. Carlos de Oliveira diverge da tese do sr. Ezequiel de Campos e elogia a obra do actual ministro do Comércio.

O sr. Vasco de Carvalho advoga a redução dos direitos alfandegários na importação de materiais destinados às centrais eléctricas.

O sr. Roldan e Pego diverge dos ataques feitos ao decreto dos aproveitamentos hidráulicos, dizendo que a lei foi elaborada

com a colaboração dos engenheiros srs. Fesch e Raúl Mendonça.

O dr. sr. Manuel Veiga defende o desenvolvimento das indústrias hidro-eléctricas. Por proposta do sr. Ferreira do Amaral na sessão seguinte será discutida a lei dos aproveitamentos hidráulicos.

Em seguida foi encerrada a sessão pelas 1 e 30 da manhã.

A segunda sessão

Conforme estava anunciado no programa, hoje, pelas 9 horas, realizou-se no Teatro Avenida a exhibição de films de vários técnicos referentes a várias teses, tendo assistido ao espectáculo os congressistas e muitas outras pessoas.

Preside o engenheiro sr. Roldan e Pego, secretariado pelos engenheiros srs. Ferreira do Amaral, Luis Fesch, Nunes Ribeiro e Rangel de Lima.

O presidente saúda o Congresso.

Antes de se entrar na ordem dos trabalhos o sr. Martins Rocha elogia a obra do sr. ministro do Comércio, propondo para que o Congresso inste junto daquele ministro para que não abandone o lugar, onde, segundo o orador, tem dado sobejas provas de competência.

Esta proposta foi aprovada por maioria. O sr. Carlos de Oliveira comunica ao Congresso a catástrofe que acaba de enlutar a cidade do Porto, propondo para que se envie um telegrama de pesar ao presidente da Câmara Municipal daquela cidade.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, o engenheiro sr. Farinas de Almeida lê a sua tese «A combustão de carvões pobres sobre grelhas com insulação de vapores».

As conclusões desta tese interessam sobremaneira a pequena indústria, pelo que as reproduzimos:

«Abandonar os princípios ainda hoje seguidos por muitos industriais, a fim-de se adaptarem os carvões às grelhas e não as grelhas aos carvões; o emprego das fornhas mecânicas para caldeiras de pequena potência não parece ser útil em todos os casos; de um modo geral as fornhas de carga manual conduzidas scientificamente darão nestes casos os melhores resultados económicos».

«As grelhas com insulação de vapor nas instalações feitas para queimar mistos de São Pedro da Cova têm dado os melhores resultados quer técnicos, quer económicos».

«Promover nas regiões industriais concursos de fogueiros, com prémios aos mais habilitados».

Os srs. Ezequiel de Campos e Micaëlis de Vasconcelos propõem que os cursos de fogueiros sejam criados em todas as escolas industriais.

O sr. Tomás Croft de Moura lê a sua comunicação sobre: «A grelha mecânica especial sistema Babcock e Vilex para o aproveitamento dos carvões nacionais».

O sr. presidente encerra a sessão, marcando uma sessão extraordinária para as 16, dedicada à discussão da lei sobre aproveitamentos hidráulicos.

Visita à central eléctrica

Pelas 14 horas realizou-se a anunciada visita à Central Eléctrica dos Serviços Municipalizados. Os engenheiros srs. Micaëlis de Vasconcelos e Arminio Gonçalves cruzaram sobre assuntos técnicos da central.

A sessão extraordinária

Às 16 horas iniciou-se a sessão extraordinária para discussão do decreto 12599, sobre aproveitamentos hidráulicos.

Preside o sr. Ezequiel de Campos, secretariado pelos srs. António de Oliveira Rodrigues, Pedro de Brion e Francisco Limpo de Faria.

Antes da ordem dos trabalhos o sr. Micaëlis de Vasconcelos comunica que não se realiza o passeio a Val de Canas em virtude do mau tempo.

O sr. Carlos de Oliveira propõe a nomeação da comissão a que se refere a tese Augusto Lopo, que se encarregará de elaborar os estatutos da Associação Electro-técnica Portuguesa. Aprovado.

E' posto em discussão o terceiro grupo, composto pela Base 8.ª, a lei 12599.

O sr. Ferreira do Amaral elogia o pessoal dos Correios e Telegrafos pela sua competência técnica, espírito de solidariedade e defende a necessidade de manter a carga dos Correios e Telegrafos a fiscalização e inspecção das instalações eléctricas.

O sr. Vilela Peres abunda na mesma ordem de ideias, negando aos serviços hidráulicos competência para exercer essas funções fiscalizadoras, porque ainda nem sequer estabeleceu o regime dos nossos principais rios.

O sr. Oliveira Rodrigues relata casos de carácter técnico, tendentes a comprovar a inexistência da transferência para os serviços hidráulicos da inspecção e fiscalização das instalações eléctricas.

Falaram vários congressistas sobre este assunto, sendo duas propostas de aditamento à Base III do decreto 12599 aprovadas por unanimidade.

Em seguida foi suspensa a sessão devido ao adiantado da hora, reabrindo pelas 21,30.

Reabriu-se a sessão de saudação do reitor da Universidade de Coimbra, que se encontra em Lisboa.

Continua a discussão sobre o decreto dos aproveitamentos hidráulicos.

O sr. Vasco de Carvalho propõe que nenhum orador possa usar da palavra mais de duas vezes, a 1.ª 10 minutos e a 2.ª cinco, e de maneira que o assunto fique discutido nesta sessão. Aprovado.

O sr. Raúl de Mendonça propõe que se reclame a diminuição dos impostos sobre a quitação eléctrica. A maquinaria de montagem é cara, devido ao exagerado preço da transformação. Protesta contra os exagerados impostos, preconizando a sua diminuição.

O sr. Ferreira do Amaral propõe que as teses dos srs. Ezequiel de Campos, Roldan e Pego e Augusto Lopo, sejam discutidas em conjunto, pela relação que têm entre si.

O sr. Martins da Rocha descreve da protecção governamental. Preconiza o barateamento da energia.

Posta à discussão a proposta do sr. Raúl de Mendonça, é aprovada.

Falaram e discutiram vários congressistas. A meia noite, ainda a discussão prosseguia.—C.

Vida Sindical

Comunicações

S. U. da Construção Civil.— Secção Profissional dos Carpinteiros.— Em reunião da comissão administrativa foi lido um officio da Universidade Popular Portuguesa, agradecendo o auxilio prestado por esta secção a esse instituto pedagógico e tendo para com este gesto as melhores referências que sensibilizaram os membros desta secção.

S. U. do Mobilário.— Este organismo lembra aos possuidores de bilhetes para a festa em favor dos presos sociais a fineza de os liquidarem, devido à situação angustiosa em que se encontram aqueles camaradas.

Manufactureiros de Calçado.— A direcção deste organismo convidou os membros da Secção dos Manufactureiros de Calçado do Alto do Pina a comparecerem hoje na sede do Sindicato, travessa da Agua de Fôr, 16-1.ª.

Federação Marítima.— Resoluções do conselho federal: aceitou o pedido de demissão do secretário geral; promover a realização de uma conferência nacional de sindicatos marítimos aderentes ou não; nomeou José de Almeida, João Rosa, Carlos Faneiro, Cândido de Azevedo e Francisco Veríssimo, para a comissão administrativa que também será a organizadora da referida conferência; nomeou uma comissão para tratar da questão entre a Companhia Portuguesa e Colónias e os sindicatos dos Medidores de Cereais e Descarregadores do Porto.

Convocações

REUNEM HOJE:

S. U. da Construção Civil.— Secção de Belém.— Pelas 20 horas, em assembleia geral, os operários desta secção para assunto de interesse para a classe.

Secção Profissional dos Carpinteiros.— A comissão administrativa desta secção para um assunto urgente. Pede-se a comparencia de todos os seus componentes.

Secção Profissional dos Pedreiros.— Pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes respeitantes à classe, com a comparencia todos sócios e não sócios.

Manipuladores de Pão.— Pelas 15 horas, a comissão administrativa.

Impressores Tipográficos.— A direcção, às 21 horas.

S. U. do Mobilário.— Pelas 20,30 horas, a comissão administrativa, esperando-se a comparencia de todos os seus membros.

Sindicatos da provincia